

Exemplar avulso: R\$ 20,90

ISSN 2226-7071



9 17722364707107



A TENTAÇÃO DA EGOLATRIA

Sepultar
ou cremar?

A guerra
do milênio

O modelo
de Samuel

70 ANOS

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MINISTÉRIO

NOV-DEZ. 2024



A SÍNDROME DE SAUL



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

Após derrotar os amalequitas, o rei Saul “levantou para si um monumento” (1Sm 15:12), uma espécie de troféu para sua própria grandeza. Ele não se contentava em ser apenas o mais alto da nação; queria alcançar patamares ainda mais elevados. No entanto, seu culto ao ego durou pouco tempo. O profeta Samuel anunciou ao monarca que Deus o havia rejeitado por causa de sua desobediência. Esse episódio revela que “Deus resiste aos soberbos” (Tg 4:6) e que “o espírito orgulhoso precede a queda” (Pv 16:18).

É interessante notar que, antes de Saul ser possuído por um espírito maligno, ele já havia sido dominado pela egolatria. Essa “síndrome” teve sua origem no coração de Lúcifer, o anjo que aspirou ser como o Altíssimo. Além dele, os contrutores da Torre de Babel, Nabucodonosor e muitas outras personalidades bíblicas também caíram vítimas desse mal e, como resultado, foram expulsas de seus tronos de fumaça. Esses exemplos nos mostram que a egolatria é uma adoração traiçoeira que tende a sufocar seus adeptos com o ar rarefeito do orgulho.

Atualmente, os monumentos da egolatria assumem formas mais sofisticadas. Entre espelhos e *selfies*, curtidas e aplausos, a “geração eu” – termo utilizado pelo filósofo Charles Taylor em seu livro *Ética da Autenticidade* – valoriza mais a individualidade do que a coletividade. Segundo Taylor, essa é a raiz de muitos problemas atuais, incluindo a perda de parâmetros morais na sociedade. Essa síndrome narcisista também afeta pastores que, embriagados pela autossuficiência, se esquecem de que é Deus quem nos dá “vida, respiração e tudo mais” (At 17:25).

Os ególatras são excessivamente materialistas, atribuindo grande importância aos símbolos de poder, como dinheiro e bens. Além disso, possuem um padrão persistente de grandiosidade e necessidade de admiração. Tornam-se “empresários de si mesmos”, buscando destaque nos *trending topics* de seus círculos sociais. Isso é extremamente perigoso, pois deturpa as prioridades da vida, como frisou Thomas Merton: “O homem que ama a si mesmo mais do que a Deus ama as coisas e as pessoas pelo bem que delas pode tirar” (*Homem Algum é Uma Ilha* [Verus, 2003], p. 98). Ellen White complementa: “Aqueles que vivem para agradarem e satisfazerem a si mesmos estão desonrando ao Senhor” (*Mente, Caráter e Personalidade* [CPB, 2024], p. 200).

Em cada detalhe do nosso ministério, devemos estar atentos para não alimentar a vaidade. Deus espera que tenhamos um conceito equilibrado sobre nós mesmos: nem elevado demais, nem inferior demais (Rm 12:3). Além disso, devemos evitar recriar a história de Narciso: não apenas nos encantando com a nossa própria imagem, mas também nos apaixonando por nossas próprias ideias. Portanto, seja humilde. Celebre as vitórias dos outros e ajude-os em suas lutas. Hoje, você pode estar no palco; amanhã, na plateia.

Ao refletir sobre as realizações de 2024, a quem você atribui seus sucessos? Não pense que foi a força ou o poder do seu braço que conquistou essas coisas. Pelo contrário, lembre-se do Senhor, seu Deus, porque é Ele quem lhe dá saúde para viver, discernimento para aconselhar, poder para convencer e sabedoria para pregar. A meta do nosso ministério não é a autorrealização, mas o crescimento do Reino. Aquele que Se esvaziou de Sua forma divina nos convida a esvaziar nosso coração dos falsos deuses. Lembre-se de que o ministério não é sobre nós. É sobre Cristo. Que Ele sempre cresça, e que o “monumento a Saul” em nosso coração seja derrubado. ■

“
A meta do nosso ministério não é a autorrealização, mas o crescimento do Reino.
”



8

Ego: Trono ou cruz?

Lucas Alves



12

Sepultar ou cremar?

Vanderlei Dorneles

22

Influência estratégica

Rodrigo Fonseca



26

Eleições na igreja

Daniel Tapia



18

A guerra do milênio

Marcos De Benedicto

28

O modelo de Samuel

Karl Boskamp



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 96 – Número 576 – Nov/Dez 2024
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Márcio Tonetti
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa Fernando De Lima

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suárez;
Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter;
Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Álvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edison Choque;
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco
Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas;
Guilherme Delgado; Levino Oliveira; Luciano
Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Ralides
Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Uilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

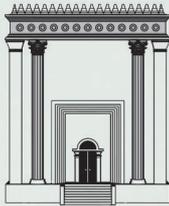
Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 102,00
Exemplar Avulso: R\$ 20,90



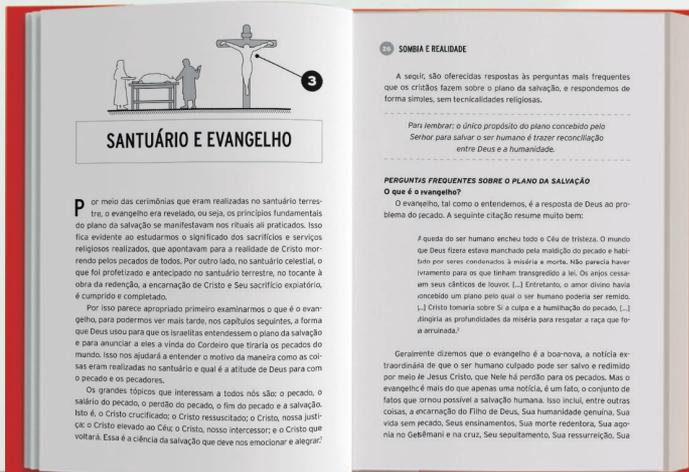
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

SOMBRA E REALIDADE



Respeitado no contexto acadêmico e usado como referência

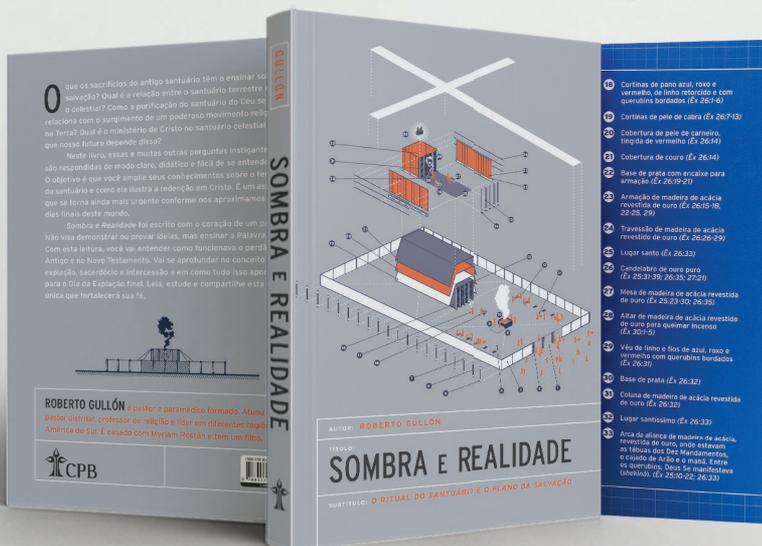
Rico em conteúdo teológico



MKT CPB • Adobe Stock

Contém ilustrações

Ideal para compreender os símbolos que revelam a salvação



Escreva para a MINISTÉRIO

ministerio@cpb.com.br

Aa Utilize fonte **Arial**, tamanho **12**, espaço 1,5

Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46.

Insira **notas** de fim de texto



Use a versão bíblica **NAA**



Envie uma foto pessoal em alta resolução



Escreva textos de **8 mil** até **12 mil** caracteres com espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria • (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB [/cpbeditora](https://www.facebook.com/cpbeditora)



Márcio Tonetti
editor associado da
revista *Ministério*

O SEGREDO DA TRAVESSIA

A travessia a nado do Canal da Mancha, entre Inglaterra e França, é considerada uma das ultramaratonas aquáticas mais difíceis do mundo. Por isso, é chamada de “Everest das águas”. Para percorrer os cerca de 33 km, o atleta precisa vencer a correnteza, as ondas e as baixas temperaturas. Muitos, inclusive brasileiros e sul-americanos, já completaram a façanha, enquanto outros morreram tentando. Curiosamente, houve também aqueles que desistiram muito perto de alcançar o objetivo.

Algo semelhante acontece na vida ministerial. Há aqueles que completam a carreira (2Tm 4:7), passando a desfrutar a merecida jubilação (palavra que vem do latim *jubilatio* e remete à “alegria, exultação, júbilo”). Outros, por uma fatalidade, tombam no cumprimento do dever, encerrando sua missão na Terra. E há aqueles que, infelizmente, por outros motivos, não completam a carreira nem mantêm a fé.

Sem dúvida, a figura pastoral é um dos alvos mais visados por Satanás. Se, conforme disse Ellen White, “a mais elevada de todas as obras é o ministério”, não poderíamos esperar menos (*Obreiros Evangélicos* [CPB, 2024], p. 63). E quanto maior for sua influência, mais suscetível estará o pastor! Como lembrou Emilson dos Reis, em entrevista à *Revista Adventista* de outubro deste ano, “o inimigo tem muitas estratégias para prejudicar nosso ministério e até nos afastar definitivamente. Ele pode usar opositores e caluniadores, mas também adutores. Pode usar o desânimo, mas também o aparente sucesso e a honra que nos elevam” (p. 6).

Um fato ocorrido há 180 anos deixou grandes lições para nós. Em outubro de 1844, muitos cristãos sinceros abandonaram a fé depois de passarem pelo grande desapontamento. Como líder desse movimento, Guilherme Miller, após pregar cerca de 4.500 sermões para um público estimado em meio milhão de pessoas ao longo de 12 anos, sendo destaque nos jornais da época (*Fundadores da Mensagem* [CPB, 1995], p. 22, 24), teve que enfrentar não apenas a decepção, mas também os críticos. Contudo, em uma carta a Joshua Himes, datada de 10 de novembro de 1844, ele assegurou: “Embora eu tenha ficado duas vezes desapontado, não estou abatido nem desanimado” (*Sylvester Bliss, Memoirs of William Miller* [J. V. Himes, 1853], p. 277).

Mais tarde, outras dificuldades lhe sobrevieram, como a perda da visão, mas nada disso foi capaz de apagar o brilho da esperança

no retorno de Cristo. Isso o manteve focado. Ao compilar suas memórias, o biógrafo de Miller registrou a seguinte declaração do pioneiro: “Embora minha visão natural esteja escurecida, a visão da minha mente está iluminada com uma perspectiva brilhante e gloriosa do futuro” (*Memoirs of William Miller*, p. 367).

Dentre os vários aspectos que chamam a atenção na trajetória desse líder, destaca-se também seu amor pela Palavra de Deus, embora ele tenha se equivocado em algumas de suas interpretações. Certa vez, um líder religioso visitou sua casa e, como Miller estava ausente, pediu ao menos para conhecer sua biblioteca. Sua filha conduziu o visitante até a sala em que estava a escrivaninha do pai. Dois livros estavam sobre a mesa: uma

Bíblia antiga e a *Concordância de Cruden*, que ele havia comprado em uma data emblemática, 1798, muitos anos antes de se tornar pregador. “Essa é a biblioteca dele”, disse ela. Miller tornou-se popular por causa de sua mensagem peculiar, o que demonstra que não devemos abrir mão de nossas crenças distintivas na tentativa de ganhar mais influência hoje.

Os pilares da nossa fé nos dão estabilidade nos momentos de crise e nos ajudam a vencer as ameaças sutis, além do desânimo, das frustrações e do orgulho. ■

“
Não devemos abrir
mão de nossas
crenças distintivas
na tentativa de
ganhar mais
influência hoje.”



FAZER DISCÍPULOS, NÃO FÃS



Ao longo de seu ministério, o peruano Alejandro Bullón pastoreou igrejas, liderou jovens, atuou como secretário ministerial e se tornou um dos evangelistas mais conhecidos do mundo. Mesmo após se aposentar, o ex-apresentador do programa *Está Escrito* continua pregando para multidões em diversos países, tanto presencialmente quanto remotamente. Escritor prolífico, é autor de mais de 50 livros, alguns dos quais foram traduzidos para diversos idiomas. Atualmente, o pastor Bullón, que reside em Brasília (DF), também desenvolve, em parceria com os filhos, um ministério relevante nas mídias sociais, onde alcança milhares de pessoas, que acompanham suas mensagens em vídeo. Por meio de sermões, livros e filmes, o pastor Bullón se tornou uma figura muito influente, mas sempre manteve a discrição e evitou ser visto como artista, “ídolo de barro” ou “celebridade de plástico”. Nesta entrevista, ele traz conselhos e reflexões importantes para uma relação saudável dos pastores com a mídia.

O senhor se tornou um ícone do tele-evangelismo. Como foi o início de sua trajetória na TV?

Não sei se a palavra tele-evangelismo é a mais apropriada. Se for, nunca sonhei ou pensei em me tornar ícone de nada. Simplesmente entrei no ministério para servir. Para mim, era um privilégio ser pastor e, em todo lugar onde trabalhei, tentei fazer o meu melhor, colocando minha vida nas mãos de Deus. Tenho certeza de que foi o Senhor quem dirigiu meu ministério. Ele me levou aonde eu seria mais útil na Sua obra. Com relação à televisão, comecei com o ministério *Está Escrito*. Era uma experiência nova no Brasil, e, naquele momento, a igreja, por algum motivo que nunca entendi, achou que eu seria a pessoa mais adequada. Naquela época, eu era o secretário ministerial da Divisão Sul-Americana e aceitei o desafio, indo além das minhas responsabilidades. A experiência foi interessante. Muitas pessoas chegaram ao conhecimento do evangelho por meio do programa *Está Escrito*,

que na época era transmitido pela TV Bandeirantes e depois pela TV Manchete. Nunca perdemos por confiar nos planos de Deus, que se expressam por meio das decisões administrativas da igreja.

Quando um pastor ganha popularidade, a quais riscos ele está sujeito?

A popularidade é uma arma perigosíssima do inimigo, contra a qual o pastor precisa estar prevenido. A natureza humana gosta

“A popularidade é uma arma perigosíssima do inimigo, contra a qual o pastor precisa estar prevenido.”

de aparecer, brilhar e ser reconhecida. Quem não gostaria de ser solicitado para tirar fotos com todos e distribuir autógrafos? No entanto, o pastor deve estar ciente de que esse não é o seu lugar. Para mim, não tem sido fácil fazer com que as pessoas entendam minha atitude de evitar a insistência do público. Muitos não compreendem minha maneira de proceder, mas o caminho que escolhi para não alimentar a “humanolatria” tem sido saudável, evitando que eu me considere mais importante do que realmente sou. Por natureza, sou introspectivo e gosto muito de passar tempo a sós, refletindo e meditando. Esse tempo com Deus tem sido vital para minha vida e meu ministério.

A cultura da celebridade tem se refletido no ministério pastoral hoje?

É inevitável. O mundo fabrica celebridades de plástico, e essa cultura se reflete na igreja de uma maneira ou de outra. Quanto tempo o cristão passa na igreja em comparação com o tempo que passa lá fora, sob a pressão da cultura da celebridade? Por outro lado, o pastor enfrenta uma terrível indecisão: não sabe se deve ceder às expectativas do público ou evitar a tentação de cair nas garras da popularidade. O que fazer? Cada um deve decidir por si mesmo. Eu escolhi um caminho e, às vezes, fico triste por não agradar a todos.

O senhor tem milhares de seguidores em seu canal no YouTube e no Instagram. Como tem sido a relação com esse público?

Em primeiro lugar, estou na mídia hoje não por iniciativa própria, mas por conselho dos meus filhos, que acreditam que essa seja a melhor maneira de alcançar inúmeras pessoas ao redor do mundo. Comecei seguindo o conselho deles e nunca imaginei que chegaríamos aonde chegamos. Dois milhões de seguidores para um canal religioso é algo muito difícil de alcançar. Acredito que Deus esteja usando esse instrumento para

continuar pregando o evangelho apesar da minha idade e das dificuldades de saúde. Posso ver os resultados em diferentes lugares. Certo dia, durante um voo, um sacerdote se aproximou de mim, agradeceu-me pelas mensagens e, emocionado, contou-me sobre as terríveis lutas que enfrenta em seu coração com as verdades bíblicas. Fiquei impressionado ao ouvi-lo dizer que, até algum tempo atrás, ele nunca tinha assistido a uma mensagem evangélica porque achava que os evangélicos eram agressivos com a sua denominação. Porém, um dia, enquanto procurava algo sobre Maria, a mãe de Jesus, encontrou um sermão meu em que a tratava com respeito e reverência. Esse foi o ponto de partida para novas descobertas em sua vida.

Seja pregando em estádios, evangelizando por meio de câmeras e microfones, escrevendo livros ou roteirizando filmes, sua ênfase sempre foi cristocêntrica. Em um mundo virtual tão personalista, esse é o segredo para não perder de vista o propósito da missão?

Cristo é a fonte da vida plena. Estando em Jesus, todas as aspirações humanas se realizam. Ele é o princípio, o meio e o fim da vida cristã. Portanto, buscar Jesus e viver com Ele é tudo. No segundo ano do meu ministério, tive meu encontro pessoal com Cristo. O livro *Caminho a Cristo* foi a chave dessa mudança. Desde aquele dia, Ele tem sido o centro da minha vida e da minha mensagem. As pessoas que lotam estádios e procuram minhas mensagens na internet, na realidade, não estão em busca de pregadores, mas, sim, de Jesus. Pena que, às vezes, nós, pregadores, estamos mais preocupados em chamar atenção com técnicas e métodos humanos e nos esquecemos de Cristo.

Como os pastores podem usar de maneira mais eficiente a mídia para pastorear o rebanho e fazer novos discípulos de Cristo?

As redes sociais se tornaram uma força inegável na vida das pessoas em nossos dias. Elas nos conectam a indivíduos e ideias de todo o mundo, moldando opiniões, comportamentos e a sociedade como um todo. O poder das mídias sociais é inquestionável. Desde tendências virais a movimentos políticos, as redes sociais revolucionaram a forma como nos comunicamos e interagimos. Considerando que os tempos mudaram e que a maioria da humanidade vive hoje conectada aos dispositivos móveis, com as mídias sociais sendo as formadoras da cultura moderna, o pastor enfrenta o desafio de usar esses instrumentos para pregar o evangelho de maneira eficiente e comunicativa, sem esquecer que sua primeira responsabilidade é cuidar de sua igreja local, levando-a a comprometer-se com a missão e a preparar-se para o encontro com Cristo.

Que conselhos gostaria de deixar aos pastores?

Não busque ser “famoso”. Sirva à sua igreja com humildade. Coloque no altar do serviço todo o seu ser e dedique-se ao ministério até o último suspiro. Use as redes sociais e a tecnologia necessária para comunicar o evangelho, mas lembre-se de que, no fundo, as pessoas não estão à procura de entretenimento. É verdade que elas vão rir se você contar um incidente engraçado, mas, no íntimo, estão em busca de soluções sólidas que preencham o vazio existencial. E não há nada mais sólido e concreto do que Jesus. ■



Lucas Alves
secretário ministerial para a Igreja
Adventista na América do Sul



EGO: TRONO OU CRUZ?

A maior ameaça à
igreja e ao ministério

Um dos filmes mais impactantes que retratam as motivações e desejos humanos é *Advogado do Diabo*. A trama retrata um advogado bem-sucedido do interior da Flórida, que nunca perdeu uma causa e, devido ao seu profissionalismo, é contratado por um renomado escritório de advocacia em Nova York. Embora sua carreira continue a prosperar, seu casamento começa a desmoronar, com sua esposa sendo atormentada por aparições demoníacas. Ele se vê dividido entre o êxito profissional e a deteriorização familiar. Seu chefe, no entanto, possui um recurso poderoso para mantê-lo sob controle: a vaidade, seu pecado favorito. O enredo revela que tanto a vaidade quanto o orgulho estão mais presentes em nossa realidade do que imaginamos, afetando indivíduos e famílias. Esse problema também afeta a igreja e o ministério.

Foto: Adobe Stock e Divulgação DSA

No Céu

A Bíblia afirma que a vaidade e o orgulho surgiram misteriosamente no Céu. Isaías 14 e Ezequiel 28 descrevem, com detalhes vívidos, as motivações equivocadas do “querubim da guarda ungido”, o anjo que permanecia diante de Deus. Embora possuísse uma glória indescritível e vivesse em um ambiente sem pecado, o “filho da alva” se exaltou, tornando-se “diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo” (Ap 12:9). Isaías 14:13 revela seu desejo de estar “acima das estrelas”, o que implica pelo menos duas coisas: insatisfação com sua condição de criatura e ambição pela posição do Criador. O anjo, que era belo, perfeito e cheio de luz, queria mais. O *Comentário Bíblico Adventista* diz: “Seu desejo por exaltação própria foi a causa da queda de Lúcifer.”¹ Ellen White acrescenta: “Pouco a pouco, Lúcifer começou a alimentar o desejo de exaltação própria. [...] Embora toda a sua glória proviesse de Deus, esse poderoso anjo passou a considerá-la como se fosse sua.”²

Em Ezequiel 28:17 (ARA), o termo hebraico traduzido como “elevou-se” é *gābah*, que pode ser entendido tanto de forma positiva (“ser elevado nos caminhos de Javé”) quanto negativa (“ser elevado com soberba e arrogância”). Sem dúvida, o sentido negativo é a aplicação correta nesse contexto. A expressão “na multiplicação do teu comércio” (v. 16) está associada à maledicência satânica: “[Essa] obra de Lúcifer em disseminar a rebelião no Céu é comparada ao comércio ganancioso e, muitas vezes, desonesto de Tiro.”³ As conversas desonestas entre Lúcifer e outros anjos desencadearam uma guerra no Céu, à medida que ele distorceu o governo de Deus em busca de sua própria glória. No contato com os anjos, “dis-simulando seu verdadeiro propósito, [Lúcifer] convocou os exércitos angelicais. Introduziu seu assunto, que era ele mesmo.”⁴ Como consequência, Deus expulsou o diabo e seus anjos (Ap 12:4), e a Terra tornou-se o palco do conflito.

No Éden

O jardim do Éden – um lugar perfeito no qual Deus mantinha um relacionamento diário com Adão e Eva – transformou-se no cenário da queda de nossos primeiros pais. Em um de seus enganos, a serpente disse a Eva: “Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerem, os olhos de vocês se abrirão e, como Deus, vocês serão conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5). Tão tentadora quanto o próprio fruto era a promessa de que Adão e Eva seriam como Deus. Note que esse também foi o desejo original de Lúcifer no Céu. A pretensão de ser igual a Deus e a busca por exaltação própria foram os motivos que levaram à queda daquele que “foi um anjo nobre, o primeiro em honra depois do amado Filho de Deus.”⁵ Agora, ele tenta plantar no coração de Eva os mesmos sentimentos que o levaram ao pecado. Ellen White escreveu: “Foi esse orgulho ambicioso que o levou à rebelião, e por esse mesmo meio procura ele causar a ruína do ser humano.”⁶

Infelizmente, Satanás teve êxito ao fazer com que Adão e Eva caíssem em sua estratégia: atrair o ego humano para a exaltação e a autossatisfação. Ao comentar esse triste episódio, George Knight afirmou: “Adão e Eva seguiram um caminho semelhante quando escolheram sua própria vontade, acima da vontade e palavras de Deus em Gênesis 3. Esse pecado rebelde tem resultado em toda a miséria que desde então infectou o planeta Terra. O orgulho e a

autossuficiência permanecem exatamente no centro do problema do pecado.”⁷ O ego é nosso maior inimigo. Se quisermos ter alguma vantagem sobre ele, o primeiro passo é reconhecer essa verdade.

No coração

Desde que o pecado entrou no mundo, estamos em constante guerra – contra os outros, contra nós mesmos e, acima de tudo, contra Deus. O coração humano se tornou um campo de batalha onde são travadas lutas diárias. Qual delas é a mais intensa? Ellen White responde: “A luta contra o eu é a maior de todas as batalhas. A renúncia de si mesmo, a sujeição de tudo à vontade de Deus, requer uma luta.”⁸ É exatamente por isso que essa guerra é tão árdua.

Lidar com o ego exige, primeiramente, reconhecer sua constante presença, algo que não é fácil. Como observou Ryan Holiday: “Não é fácil enfrentar o ego. Primeiro, aceitar que o ego pode estar ali. Depois, submeter-se ao escrutínio e à crítica. A maioria de nós não suporta o desconforto do autoexame. É mais fácil fazer praticamente qualquer outra coisa. Aliás, algumas das realizações mais inacreditáveis do mundo sem dúvida são o resultado de um desejo de se evitar a escuridão do ego.”⁹

Muitas vezes, o ego tenta se impor nas situações do dia a dia, seja quando cedemos ao apetite por algo que nos faz mal ou quando relutamos em admitir um erro em nosso relacionamento com o cônjuge. Mesmo sabendo que estamos errados, preferimos defender nossas ideias e opiniões, em vez de ceder por amor e humildade.

Dada a condição em que o coração se encontra desde a entrada

do pecado, ele precisa ser guardado. Por quê? Porque ele é enganoso (Jr 17:9), dividido (Ez 11:19), duro (Hb 3:8) e impuro (Sl 51:10). Jesus resumiu a natureza do coração dizendo que dele “procedem os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as maldades, o engano, a libertinagem, a inveja, a blasfêmia, o orgulho, a falta de juízo. Todos estes males vêm de dentro e contaminam a pessoa” (Mc 7:21-23). Salomão acrescenta que o coração deve ser bem guardado, “porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4:23).

Na cultura hebraica, o coração é o centro de tudo que o ser humano é, e seus pensamentos determinam as escolhas da vida. Segundo Russell Champlin, “tudo quanto faz a vida tornar-se digna de ser vivida origina-se no homem espiritual e então manifesta-se na vida externa do homem, de múltiplas maneiras. Estão em pauta todos os valores espirituais de um homem, bem como os atos daí resultantes”.¹⁰ Portanto, o coração, ou melhor, a mente, deve ser a área mais bem protegida no ser humano. O termo hebraico para “guardar” (*mishmar*) significa “manter vigilância” ou “vigiar uma fronteira”. A mente precisa ser constantemente vigiada, pois é o campo de batalha onde travamos nossas maiores lutas.

Na igreja e no ministério

Os maiores problemas enfrentados pela igreja e pelo ministério muitas vezes têm origem em corações que, embora estejam fisicamente presentes, não vivem verdadeiramente como parte do corpo de Cristo. É verdade que existe unidade na diversidade, mas não na adversidade, na crítica destrutiva, na oposição política, no desrespeito explícito ou na indiferença programada. Muitas de nossas crises poderiam ter outros contornos se aprendêssemos a ceder, a ouvir e a pensar como corpo. Ao longo da história da igreja, o ego tem deixado suas marcas em pessoas famosas e anônimas, líderes e membros, professores e alunos. O resultado é que não avançamos na velocidade desejada porque nosso maior obstáculo é o próprio eu.

É possível que algumas igrejas não cresçam porque a maioria de seus membros está mais preocupada com suas necessidades internas do que com o serviço externo. É possível que alguns líderes não abram mão de suas funções por amor à posição, ao prestígio ou ao reconhecimento que essas funções proporcionam. É possível que pastores e membros não deem continuidade ao que foi iniciado por seus antecessores, simplesmente para buscar algo mais pessoal ou original, em vez de melhorar o que já foi construído. No fundo, o ego está presente nessas e em muitas outras experiências.

O ego tem sido o destruidor de casamentos, famílias, sonhos, relacionamentos, carreiras, igrejas e ministérios. Quase toda crise humana é alimentada por um coração que coloca o eu no centro e acima de tudo e todos. Muitos poderiam ter sido verdadeiros instrumentos de bênçãos se não pensassem constantemente que tudo deveria girar em torno de si mesmos. A face mais visível do ego é o orgulho, que é responsável por quase todas as mazelas humanas. C. S. Lewis afirmou: “O orgulho tem sido a causa principal da desgraça em todas as nações e todas as famílias desde a criação

do mundo.”¹¹ Se isso não for levado a sério, as consequências serão devastadoras em quase todos os aspectos da vida. Mas como lidar com o ego?

Cura para a egolatria

O plano para resolver o problema do pecado não começou no Éden. O orgulho de Lúcifer não pegou Deus de surpresa, nem deixou o Senhor sem resposta. A Bíblia afirma que o Cordeiro já estava providenciado “desde a fundação do mundo” (Ap 13:8, ARA). É extraordinário perceber como Deus redime a humanidade por meio de um caminho inverso ao percorrido pelo anjo rebelde. Enquanto o coração de Satanás foi obcecado pela ambição do trono, o coração de Cristo foi consumido pela cruz. Paulo destaca isso em Filipenses 2:7 e 8, evidenciando que a entrega de Cristo é o caminho oposto da egolatria iniciada no Céu. William Hendriksen comentou: “Encontramos diante de um adorável mistério, um mistério de poder, sabedoria e amor!”¹² Paulo exorta os cristãos a não se sentirem superiores a ninguém, mas a adotar a mesma atitude de Cristo (Fp 2:5).

A solução para um coração egocêntrico é ser esvaziado ao contemplar “Jesus Cristo, e este, crucificado” (1Co 2:2). Contudo, a vida cristã requer mais do que uma simples contemplação; ela exige nossa própria crucificação. Para uma geração que busca reconhecimento, aplausos, elogios e homenagens, aceitar a cruz – símbolo de morte e renúncia ao eu – não é fácil. Mas é exatamente isso que Paulo expressa em Gálatas 2:20: “Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim.”

Você percebe que há vida na crucificação? Não há vida na exaltação pessoal, na busca incessante por ser o melhor, na apresentação de resultados para

autopromoção ou no uso das pessoas para benefício próprio. A verdadeira vida está na renúncia e na exaltação de Cristo, sem medo de ser esquecido, pois, como afirmou Timothy Keller: “Quem tem o ego satisfeito e não inflado não se deixa abater.”¹³

Mas, afinal, em que consiste a vida crucificada? A.W. Tozer responde: “A vida crucificada é uma vida absolutamente dedicada a seguir Cristo Jesus. A ser mais parecido com Ele. A pensar como Ele. A agir como Ele. A amar como Ele. [...] Qualquer coisa que nos atrapalhe em nossa jornada deve ser tratada com um golpe mortal.”¹⁴ A vida crucificada é aquela em que as motivações e os propósitos estão alinhados aos interesses divinos, e não aos interesses pessoais. Isso significa não apenas fazer o que é certo, mas também pelos motivos e propósitos corretos, muitas vezes conhecidos apenas por nós mesmos e por Deus. Somente o Espírito Santo é capaz de nos converter do nosso egocentrismo, de purificar nossas motivações e de nos levar a viver uma vida crucificada. Como afirmou Larry Crabb: “Creio que existe um modo bíblico, orientado pelo Espírito, dependente de Cristo e agradável para Deus, de superarmos nossos vícios a ponto de sermos capazes de levar uma vida significativa e transbordante de poder sobrenatural para os outros.”¹⁵ Nosso coração precisa estar aberto para aquilo que Deus deseja mudar nele.

A queda de Lúcifer foi motivada pela busca de uma glória pessoal; foi a ânsia pela glória que pertencia unicamente a Deus que apagou o anjo de luz. A queda de Adão e Eva seguiu um caminho semelhante. Ao longo da história humana, muitos tropeçaram pela mesma razão, mas Cristo nos ensinou a buscar a glória de Deus. Em João 17:4, 5 e 13, Cristo declara que Sua obra foi glorificar

o Pai. Paulo também afirma que esse deve ser o foco de cada cristão em todas as áreas da vida. “Portanto, se vocês comem, ou bebem ou fazem qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31). O exemplo de Cristo e a orientação de Paulo devem guiar a maneira como vivemos.

Em seu livro *A Noiva de Cristo*, Charles R. Swindoll aponta para um sentido mais amplo da glória de Deus. Ele diz: “Se sua vida é um exemplo da glorificação de Deus, os outros não verão as suas obras e não glorificarão a você, pois saberão que tudo que você faz é para a glória de Deus.”¹⁶ O que isso significa para membros, pastores, administradores e cristãos em geral? “Significa engrandecer, exaltar ou elevar o Senhor nosso Deus ao mesmo tempo em que nos humilhamos, e acatar Sua sabedoria e Sua autoridade.”¹⁷

Não se preocupe em promover suas conquistas; priorize a promoção do Reino. Não busque a autopromoção; exalte o Rei. A egolatria é a maior ameaça para a igreja e para o ministério, pois retira de Cristo a glória que Lhe pertence exclusivamente. No entanto, há um poderoso antídoto para isso – a cruz de Cristo. Devemos colocar nosso coração na cruz, pois “a luz refletida da cruz do Calvário humilhará todo pensamento orgulhoso. Os que buscam a Deus de todo o coração, e aceitam a grande salvação a eles oferecida, abrirão a Jesus a porta do coração. Deixarão de glorificar-se a si próprios. Não se orgulharão em suas realizações, ou se atribuirão méritos por suas habilidades, mas considerarão todos os seus talentos como dons de Deus, para serem usados para glória Sua. Toda capacidade intelectual, eles considerarão preciosa unicamente na medida em que ela pode ser empregada no serviço de Cristo.”¹⁸ ■

Referências

- Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), v. 4, p. 169.
- Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 35.
- Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 4, p. 743.
- Ellen G. White, *História da Redenção* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 14.
- Ellen G. White, *A Verdade Sobre os Anjos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 272.
- Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 5, p. 597.
- George R. Knight, *Caminhando Com Jesus no Monte das Bem-Aventuranças* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), p. 8.
- Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 28.
- Ryan Holiday, *O Ego é Seu Inimigo* (Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017), p. 119.
- Russell N. Champlin, *O Antigo Testamento Interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2018), v. 4, p. 2557.
- C.S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Thomas Nelson, 2017), p. 114.
- William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento – Efésios e Filipenses* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013), p. 144.
- Timothy Keller, *Ego Transformado* (São Paulo: Vida Nova, 2014), p. 38.
- A.W. Tozer, *A Vida Crucificada* (São Paulo: Vida, 2021), p. 20, 21.
- Larry Crabb, *Viciados em si Mesmos* (São Paulo: Vida Nova, 2024), p. 20.
- Charles R. Swindoll, *A Noiva de Cristo* (São Paulo: Vida, 1996), p. 22.
- Swindoll, *A Noiva de Cristo*, p. 24.
- Ellen G. White, *Nossa Alta Vocação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1962), 18 de abril.

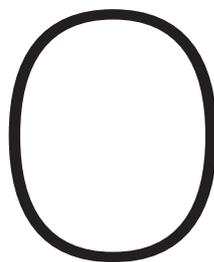


Vanderlei Dorneles
professor de Teologia
no Unasp, campus Engenheiro Coelho



O que a Bíblia tem a dizer
sobre a forma de dispor
os mortos

SEPULTAR OU CREMAR?



O cuidado e a preocupação com os mortos têm sido uma experiência perene nas civilizações ao longo dos tempos. Embora existam diferentes rituais e formas de dispor os mortos de acordo com cada cultura e visão religiosa, o momento de despedida dos familiares é sempre doloroso, e os sentimentos nesse contexto precisam ser respeitados.

A questão sobre o que fazer com um corpo envolve aspectos culturais, sociais, ambientais e religiosos. Entre as culturas orientais, a cremação tem sido a prática predominante há muito tempo. Embora o sepultamento tenha sido o mais comum nos contextos judaico e cristão, nas últimas

Fotos: Adobe Stock e Gentileza do autor

décadas a cremação se tornou uma prática dominante em muitos países ocidentais.

As diferenças entre sepultar e cremar são muitas. O processo de decomposição dos mortos em um sepultamento é lento, ocorre no solo e geralmente é mais caro. Na cremação, o processo é rápido, seco e geralmente mais barato.¹ Ao enterrar os mortos, as pessoas têm o túmulo como memorial. Por outro lado, a cremação oferece a possibilidade de guardar as cinzas, permitindo que sejam mantidas como uma lembrança.²

A popularização dos crematórios no Ocidente cristão levanta a questão sobre se a Bíblia oferece alguma prescrição a respeito de cremar ou sepultar os mortos. Este artigo reflete sobre os aspectos históricos e culturais dessas práticas, estatísticas atuais e o que a Bíblia tem a dizer sobre o assunto.

Sepultamento e cremação no mundo antigo

Na Antiguidade, cremar os mortos era a prática padrão entre os gregos, assírios, babilônios, persas e trácios.³ No fim da República, “os romanos abandonaram o sepultamento e também passaram a praticar a cremação.”⁴ A literatura clássica grega e romana relata a cremação de “guerreiros e figuras heroicas” como um meio que possibilitava levar para casa “os restos mortais de campanhas militares, bem como uma forma de lidar com os cadáveres no campo de batalha.”⁵

A antiga religião egípcia, por sua vez, desenvolveu a complexa crença da transmigração da alma, a qual levou à proibição da cremação. Eles acreditavam que a alma poderia retornar ao corpo se este fosse bem preservado. Por isso, desenvolveram os processos de mumificação.

Exceto os egípcios, as culturas antigas que mantinham a noção da imortalidade da alma, em geral, preferiam a cremação ao sepultamento. No antigo hinduísmo, os sacerdotes cantavam hinos de cremação esperando que a alma sobrevivesse ao fogo e voasse como um pássaro para “o mundo dos ancestrais ou o mundo dos deuses”. Com uma crença

semelhante, os antigos gregos também preferiam a cremação. Eles estavam convencidos de que “o fogo separava a alma pura do corpo impuro e a libertava para ascender, como uma fênix, do seu altar de chamas aos céus.”⁶

Com a ascensão do cristianismo no Ocidente, a cremação perdeu espaço para o sepultamento. Desde o primeiro século, os cristãos preferiram o sepultamento, sob a influência da tradição judaica e da suposta ligação entre sepultamento e ressurreição, conforme demonstrado no caso de Jesus. Na verdade, a crença na ressurreição do corpo tornou a cremação “repugnante para os primeiros cristãos, cujo uso do sepultamento é atestado pela evidência das catacumbas de Roma.”⁷

Quando o imperador romano Constantino se tornou cristão, ele banuiu a cremação em partes do mundo pagão clássico e mediterrâneo, fazendo com que o sepultamento se tornasse a prática dominante no Ocidente por séculos. No entanto, o processo atual de secularização e as mudanças na visão cristã sobre a morte reintroduziram a cremação no Ocidente. Além disso, o alto custo do embalsamamento e a escassez de espaço tornaram o sepultamento mais caro.

Crescimento das taxas de cremação

A partir da segunda metade do século 20, a cremação aumentou nos Estados Unidos de 4% em 1960 para 17% em 1990, 33,8% em 2006 e 57,5% em 2021. No Canadá, cresceu de 55,6% em 2006 para 74,8% em 2021.⁸

Nos países onde o catolicismo é a religião dominante, as taxas de cremação são mais baixas.⁹ Segundo a Cremation Society, em 2019, a cremação na Irlanda foi de 22,69%, na Itália 23,9%, na Polônia 24%, na Bulgária 5,08%, e na Romênia apenas 0,5%. Por sua vez, essas taxas foram de 49,5% na Rússia, 69% na Alemanha, 82,95% na Suécia, 83,9% na Dinamarca e 85,79% na Suíça. No Reino Unido, as taxas eram de 16% em 1960, e cresceram para 70% em 1990, e para 78,1% em 2019.¹⁰

A cremação tem sido cada vez mais adotada em países com tradição protestante, enquanto os países católicos são mais dedicados ao sepultamento.¹¹ No entanto, depois de decretar em 1886 que a cremação era um “costume ímpio detestável”,¹² o Vaticano retirou a proibição da cremação para os católicos em 1963, embora tenha estabelecido que “orações ou rituais” não poderiam ser feitos diante dos “restos cremados.”¹³ Isso resultou em uma adoção gradual da cremação entre os católicos, mas em um ritmo lento.

Tradicionalmente, a Igreja Católica proibia a cremação porque era considerada uma “prática pagã” que negava a doutrina da ressurreição. Além disso, o corpo era considerado “templo do Espírito Santo”, portanto, sendo santo.¹⁴ Isso ainda segue como um fator desencorajador para a cremação entre os católicos.

Nos países da América do Sul, onde predomina o catolicismo, as taxas de cremação são baixas, com exceção do Peru, que possui uma taxa de 73,07%, e da Argentina, com 45%. No Brasil, apenas 9% dos mortos são cremados.¹⁵ No continente africano, as taxas de cremação

são geralmente inferiores a 10%. Lá, os funerais são longos e muito frequentados, pois acredita-se que o espírito do falecido ainda está vivo e não separado do corpo, sustentando a crença de que os mortos não estão realmente mortos.

Além da percepção de que os protestantes estão mais inclinados a adotar a cremação em comparação aos católicos, os processos de cosmopolitização e secularização também têm influenciado a substituição do sepultamento pela cremação. Até recentemente, as implicações sociais e religiosas da cremação não receberam muita atenção. No entanto, à medida que essa prática se tornou uma forma dominante de lidar com os mortos, muitos cristãos começaram a questionar se ela é uma forma aceitável de dispor dos falecidos.

Questões religiosas

A conexão cristã entre morte, sepultamento e ressurreição permaneceu dominante no Ocidente até o século 16. Os cristãos se referiam à morte como um “sono temporário” e aos cemitérios como “locais de dormir” até a ressurreição.¹⁶ No início do século 16, os reformadores lançaram as bases para as mudanças na forma como os cristãos lidariam com os mortos no futuro. Eles rejeitaram a doutrina católica do purgatório, que desde o século 13 afirmava que os mortos estariam espiritualmente vivos enquanto aguardavam a ressurreição do corpo. Os protestantes também abraçaram a crença de que o corpo era “um vaso de barro” e “a residência de um espírito imortal”.¹⁷

No século 20, a questão da ressurreição do corpo entre os protestantes deixou de ser um obstáculo. O evangelista americano Billy Graham fez

uma declaração famosa que resume a perspectiva protestante. Segundo ele, em 2 Coríntios 5:1 a 4, Paulo faz o contraste entre “viver numa tenda, uma casa temporária que pode ser demolida”, e “viver numa casa permanente que durará para sempre”. Ele concluiu esse raciocínio dizendo: “Nossos corpos [atuais] são nossas tendas temporárias. Nossos corpos ressuscitados serão nossos lares permanentes. Eles são semelhantes em aparência, mas diferentes em substância. A cremação, portanto, não é um obstáculo à ressurreição.”¹⁸

A noção da imortalidade da alma e da sua suposta vida fora do corpo é um ponto crucial na discussão do sepultamento ou cremação entre protestantes e católicos. Nesse contexto, o espiritualismo moderno também contribuiu para fortalecer o foco na imortalidade e na independência da alma.¹⁹

A visão adventista do sétimo dia sobre a morte, entendida como a cessação total de vida, tanto corporal quanto espiritual, pode influenciar significativamente a escolha sobre a forma de dispor dos mortos. Segundo essa perspectiva, não há vida nem consciência para os falecidos, e o corpo sem vida retorna à terra de onde veio (cf. Ec 9:5; 12:7).

As mudanças nas crenças religiosas têm aberto espaço para uma adoção crescente da cremação, além de fatores como custos, preocupações ambientais e secularização. Ao discutir esse tema, é essencial questionar se a Bíblia apresenta alguma prescrição específica sobre a prática.

Sepultamento e cremação nas Escrituras

Em toda a Bíblia, o sepultamento é a prática dominante. No entanto, os relatos bíblicos sobre sepultamento

são prescritivos ou meramente narrativos? Além disso, há vários relatos de pessoas queimadas ou cremadas. Qual é o propósito nesses casos? A seguir, analisaremos essas questões.

O costume do sepultamento nos tempos bíblicos. A Bíblia relata o sepultamento de muitas pessoas. Abraão comprou um cemitério para sua esposa Sara e para si mesmo (Gn 23:19; 25:9,10). Nesse local, outros patriarcas também foram sepultados (49:29-31; 50:13). José ordenou que seus ossos fossem levados do Egito para serem enterrados em Canaã (50:25; Js 24:32). Davi foi colocado em um túmulo (2Cr 25:28), assim como João Batista (Mc 6:29), Lázaro (Jo 11:17-19), Ananias e Safira (At 5:6-10) e Jesus (Mt 27:57-60).

Esse costume é coerente com a afirmação bíblica de que o corpo humano foi criado da terra e, após a morte, deve retornar à terra (Gn 3:19; Ec 12:7). A Bíblia acrescenta que os mortos serão ressuscitados dos “sepulcros” (Jo 5:28). No entanto, não há prescrição ou mandamento explícito sobre o sepultamento como a forma correta de lidar com os mortos.

Como não existem ordens expressas para enterrar os mortos, é importante considerar os textos bíblicos que tratam da queima ou cremação de corpos. O objetivo é verificar se há algum mandamento ou prescrição contra essas práticas.

A prática de queimar pessoas como punição. A Bíblia relata muitos eventos em que pessoas foram queimadas em contextos de punição e purificação. As cidades ímpias de Sodoma e Gomorra foram destruídas com fogo e enxofre (Gn 19:24). Judá pretendia queimar Tamar por ser adúltera (38:24). Nadabe e Abiú

foram queimados por profanarem o santuário do Senhor com fogo estranho (Lv 10:2). Pecados abomináveis e a rebelião contra a liderança de Deus também foram punidos com morte por fogo (cf. Lv 20:14; 21:9; Nm 11:1-3; 16:35; Js 7:15). A pena de morte se tornava ainda mais ofensiva ao “queimar o corpo do infrator”.²⁰ O fogo também é usado como símbolo de julgamento (cf. Jr 4:4; Mt 3:10-12; 2Ts 1:7, 8). O fogo “eterno” após o milênio (Ap 20:9) segue como resultado do juízo final (Ap 20:11-15), e o propósito é punir os ímpios e purificar a Terra.

Porém, ao discutir a queima de pessoas ao longo da Bíblia, é necessário considerar que todos esses textos tratam sobre executar pessoas vivas pelo fogo, e não de queimar o corpo sem vida em um processo de cremação. Embora alguns considerem a execução pelo fogo como “cremação”,²¹ isso é claramente diferente do ponto em discussão sobre a cremação dos mortos. Fogo para consumir pessoas vivas implica punição e purificação do pecado. Por outro lado, o fogo para consumir corpos sem vida tem o propósito de prevenir contaminação, como está implícito no caso de Saul (1Sm 31:10-13), em Amós 6:9 e 10, e em outros textos.

A prática de queimar corpos para evitar contaminação. Esses casos descrevem a queima de corpos por motivos sanitários, como em situações de guerra e epidemias. Nesses contextos, a cremação tinha o objetivo de evitar a propagação de doenças resultantes da decomposição ou da disseminação da peste.²² A cremação também pode ter sido necessária “porque não se podia chegar à sepultura fora da cidade por causa do cerco”.²³

Quando se discute a decisão de queimar um corpo para evitar a

contaminação é necessário considerar o conceito de santidade do corpo humano como um “templo”. Tradicionalmente, os católicos e outros cristãos rejeitaram a cremação porque a Bíblia afirma que o “corpo é o templo do Espírito Santo” (1Co 6:19). Nesse ponto, é necessário destacar a diferença bíblica entre um “corpo vivo” (do grego *sōma*, Rm 8:11; 1Co 6:19) e um “cadáver” ou “corpo morto” (*ptōma*, Mt 14:12; Mc 15:45). O corpo vivo é templo para o Espírito Santo, mas o corpo morto é uma fonte de contaminação (Jo 11:39; cf. Nm 9:10). Além disso, o corpo como templo é uma referência a “todo o espírito, a alma e o corpo”, à pessoa viva (cf. Rm 12:1; 1Ts 5:23).

O sepultamento nas Escrituras geralmente ocorria no dia da morte (cf. Dt 21:23) ou dentro de 24 horas. Problemas de saneamento e o receio de possível contaminação por meio do contato com o cadáver (Nm 19:11-13) eram as razões para essa rapidez. Lázaro foi sepultado no dia em que morreu, pois faleceu devido a uma enfermidade (Jo 11:1, 17).²⁴

Assim, em circunstâncias em que o cadáver poderia ser uma fonte de contaminação, os personagens bíblicos não hesitavam em optar pela cremação. E não há condenação nem prescrição contra essa prática nas Escrituras.

Corpos em chamas e ira sem limites. Alguns estudiosos consideram que o texto de Amós 2:1 descreve a atitude de “incinerar completamente um corpo” como uma “profanação abominável”. O teólogo David Jones, por exemplo, considera que essa “é a única referência inequívoca ao ato de cremação na Bíblia”.²⁵ O professor Rodney Decker também observa que “isso é o mais próximo que a Bíblia chega de condenar o ato da cremação”.²⁶

No entanto, se não houve condenação ao rei Josias por exumar cadáveres e queimar seus ossos em um altar idólatra (2Rs 23:16, 20), seria justo que os intérpretes bíblicos condenem a mesma atitude com base em Amós? Isso poderia indicar uma parcialidade na interpretação dos textos bíblicos?

Em Amós, o Senhor prediz um peso do “castigo” sobre os moabitas por terem queimado “os ossos do rei de Edom, até reduzi-los a cinza”. Essa atitude parece refletir uma ira dirigida contra uma nação irmã. Assim, em contraste com o nobre propósito de Josias em purificar a terra de Israel, a motivação de ódio é o que condena a mesma atitude em Amós 2.

Portanto, não há condenação nem mandamento explícito sobre a prática de cremação de corpos sem vida na Bíblia. O foco está nos propósitos e nos sentimentos por trás das atitudes descritas nesses relatos.

Sepultamento e ressurreição

Normalmente, a esperança da ressurreição está focada nos túmulos que serão abertos quando Jesus voltar. Isso significa que aqueles que foram cremados não serão ressuscitados?

As duas palavras gregas *mnēmeion* (“sepultura”) e *táphos* (“túmulo”) estão associadas à ressurreição dos mortos em casos históricos e específicos (Mt 27:52, 53; 28:1, 6; Jo 11:38, 44). A única outra ocorrência da palavra “sepulcro” associada à ressurreição final dos justos, em João 5:28, deve ser entendida como um símbolo, não necessariamente um local específico onde estariam os mortos, uma vez que, ao longo do tempo, os elementos que permanecem após a deterioração do corpo são modificados e dispersos.

Além disso, supõe-se que a maior parte do povo de Deus ao longo do tempo não foi enterrada em “sepulturas”. Nesse contexto, é útil considerar que Daniel fala da ressurreição daqueles que dormem “no pó da terra” (Dn 12:2). Paulo, tanto em 1 Coríntios 15 quanto em 1 Tessalonicenses 4, não menciona “sepulturas” ou “túmulos”. Ele apenas afirma que os “mortos em Cristo” serão ressuscitados.

No Apocalipse, João também não usa a palavra “sepultura” nem “túmulo”. Ele descreve a ressurreição dizendo apenas que os justos “viveram” (Ap 20:4). Ao falar sobre a ressurreição dos ímpios, o apóstolo afirma: “O mar entregou [do grego *didomi*, “livrar”] os mortos que nele havia, e a Morte e o Hades entregaram [*dídomi*] os mortos que estavam neles” (Ap 20:13). Parece que João está falando dos mortos que foram “enterrados” nas águas e nos túmulos.

Contudo, esses termos “mar” (*thálassa*), “Morte” (*thánatos*) e “Hades” (*há-dēs*) devem ser vistos como sinônimos. Jesus afirma possuir a chave da “Morte” e do “Hades” (Ap 1:18), e, no Apocalipse, ambos são personificados (cf. 6:8; 20:6, 14). Associado à “morte” e ao “hades” (1:18; 6:8; 20:13, 14; 21:1, 4), o “mar” parece ser personificado como um inimigo simbólico sobre o qual Jesus exerce domínio. Assim, o “mar”, “Morte” e “Hades” são apenas “nomes para a região [simbólica] dos mortos” (cf. 1:18; 8:9; 16:3).

Dessa forma, o que o Apocalipse parece indicar com essas expressões é que o lugar simbólico dos mortos (os personificados “mar”, “hades” e “morte”) “devolverá os mortos”, ou seja, os libertará. Assim, o “mar” não seria um lugar geográfico de onde os mortos ressuscitarão, mas simboliza o “reino do mal” (cf. 4:6; 13:1; 15:2), dentro do qual “operam forças satânicas, e que

aprisiona todos os incrédulos;²⁷ mas que por fim será destituído de seu poder na ressurreição.

Conclusão

Não há prescrição bíblica sobre uma ou outra maneira de dispor dos mortos. Essa é uma decisão muito pessoal e íntima, que deve ser respeitada. A questão essencial ao lidar com a morte de entes queridos é a esperança viva de que todos serão erigidos do pó da terra na segunda vinda de Jesus. Tenham sido sepultados ou cremados, se morreram nas águas ou pelo fogo, todos que morreram em Cristo serão ressuscitados para uma nova e eterna vida no reino de Deus, conforme a promessa divina. ■

Nota: A versão completa deste artigo foi publicada originalmente na revista eletrônica *Kerygma* (link.cpb.com.br/67d96f).

Referências

- 1 Charles Cowling, *The Good Funeral Guide: Everything You Need to Know* (Nova York: Continuum, 2010), p. 32.
- 2 Douglas Davies, *Death, Ritual and Belief: The Rhetoric of Funerary Rites* (Nova York: Bloomsbury, 2017), p. 95.
- 3 George Eager, “Cremation”, *The International Standard Bible Encyclopedia* (Chicago: The Howard-Severance Company, 1915), p. 744.
- 4 Stephen Prothero, *Purified by Fire: A History of Cremation in America* (Los Angeles: University of California, 2001), p. 6.
- 5 Davies, *Death, Ritual and Belief*, p. 32.
- 6 Prothero, *Purified by Fire*, p. 6.
- 7 Frank Cross e Elizabeth Livingstone (orgs.), *The Oxford Dictionary of the Christian Church* (Oxford, NY: Oxford University Press, 2005), p. 434.
- 8 Cremation Association, disponível em <link.cpb.com.br/333d13>, acesso em 1/7/2024.
- 9 Douglas Davies, *The Theology of Death* (Nova York: T&T Clark, 2008), p. 136.
- 10 Cremation Society of North America, disponível em <link.cpb.com.br/a54cb>, acesso em 28/6/2024.
- 11 Davies, *Death, Ritual and Belief*, p. 261.
- 12 Davies, *The Theology of Death*, p. 129.
- 13 Alister McGrath, *Christianity: An Introduction* (Oxford, NY: John Wiley & Sons, 2015), p. 120.
- 14 McGrath, *Christianity*, p. 20.
- 15 Cremation Society.
- 16 Prothero, *Purified by Fire*, p. 8.
- 17 John Calvin, *Institutes of the Christian Religion* (Philadelphia: The Westminster Press, 1960), I.XV.1.
- 18 Citado por McGrath, *Christianity*, p. 120.
- 19 Davies, *The Theology of Death*, p. 31.
- 20 Donald Madvig, *The Expositor’s Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), p. 287.
- 21 David Jones, “To Bury or Burn? Toward an Ethic of Cremation”, *Journal of Evangelical Theological Society* (2010), v. 53, p. 339.
- 22 Thomas McComiskey, *The Expositor’s Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1985), p. 319.
- 23 Francis Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), v. 4, p. 1076.
- 24 H. W. Mare, “Burial”, *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976), p. 672.
- 25 Jones, “To Bury or Burn? Toward an Ethic of Cremation”, p. 341.
- 26 Rodney Decker, “Is it Better to Bury or Burn? A Biblical Perspective on Cremation and Christianity in Western Culture”, *William R. Rice Lecture Series* (Allen Park, MI: Detroit Baptist Theological Seminary, 2006), p. 27.
- 27 Gregory Beale, “The Book of Revelation”, *The New International Greek Testament Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2013), p. 1033, 1034.

LANÇAMENTO

DESCUBRA
A DIREÇÃO

de Deus para sua vida e viva um ano

extraordinário!

365 dias de inspiração para reavivar
seu relacionamento com Deus.

ADQUIRA SEU DEVOCIONAL >

rodrigosilva.cpb.com.br



cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • ☎ (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 📞 (15) 3205-8910
atendementolivrarias@cpb.com.br

**CPB**
pra toda a vida

Baixe o
Aplicativo CPB  

    /cpbeditora





A GUERRA DO MILÊNIO

O significado de Gogue e Magogue no contexto do Apocalipse

No início das eras, uma guerra épica irrompeu nas vastas esferas do Céu, onde anjos se enfrentaram e o orgulho desafiou o Criador. Esse conflito que abalou as fundações do Universo e lançou sementes de rebeldia no cosmos culminará com outra batalha monumental na Terra. Assim, as forças do bem e do mal se confrontarão mais uma vez, no fim do milênio, enquanto o ciclo se fecha ao som do triunfo divino e sob a luz da justiça eterna.¹

No Apocalipse, o fim de Satanás vem em duas fases: seu aprisionamento no abismo (20:1-3) e sua destruição no lago de fogo depois de ser solto por um tempo (20:3, 10). A expulsão dele é descrita pelo passivo do verbo “lançar” (*balō*). Primeiro, ele é lançado do Céu para a Terra (12:9), depois é lançado no abismo (20:3) e, por fim, é lançado no lago de fogo (20:10).²

O fato de ser lançado ou jogado significa que ele não tem controle sobre seu destino. Há um poder soberano que o julga. Porém, após os mil anos, ele é solto e tenta guerrear contra Deus e Seu povo até o último momento, pois o mal é resiliente e insistente. Se a soltura de Satanás causa certa perplexidade, sua tentativa de invadir a “cidade amada” (Ap 20:9) é ainda mais perturbadora. O enganador “sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra” (v. 8), o que indica a totalidade do globo.

Nesse contexto, em associação com a batalha cósmica final, encontramos uma referência misteriosa a “Gogue e Magogue” (Ap 20:8). Mas de onde vêm esses nomes e o que significa essa batalha?

Origem dos nomes

Os nomes Gogue e Magogue são uma alusão ao oráculo de Ezequiel 38–39. João incorpora vários temas de Ezequiel no Apocalipse, incluindo a batalha de Gogue e Magogue (Ez 38:2; Ap 20:8). Das cem alusões a versos de Ezequiel no Novo Testamento, 57 se encontram no último livro da Bíblia. No Apocalipse, não está claro se Gogue e Magogue se referem a um rei, um povo, uma coalizão de povos ou um território. Mas em Ezequiel fica evidente que Gogue é o governante da terra de Magogue (Ez 38:2).

David Petersen, entre outros, sugere que o “nome ‘Gogue’ pode derivar do governante lídio Giges”, e, nos capítulos “trans-históricos” de Ezequiel 38–39, Gogue simboliza “qualquer antagonista estrangeiro”.³ Daniel I. Block concorda: “A explicação mais provável deriva Gogue de Giges, o nome do rei da Lídia, mencionado em seis inscrições de Assurbanípal (668-631 a.C.).”⁴ No entanto, não há base sólida para essa identificação.

Flávio Josefo, em sua descrição da origem das nações, também apresentou sua versão: “Magogue deu origem àqueles que, a partir dele, passaram a ser denominados magogitas, mas que os gregos chamam de citas.”⁵ G. H. Aalders propôs que o nome Gogue deriva de Magogue, mencionado na lista de nações (Gn 10:2), e “Gogue, da terra de Magogue”, talvez seja “uma figura representativa de todos os povos do norte.”⁶ De fato, a geografia de Gogue é associada ao norte.

Havia também a crença de que Gogue era o “equivalente a *gug*, termo sumério para ‘trevas’”.⁷ A comparação do exército de Gogue com uma “nuvem que cobre a terra” (Ez 38:9, 16) evoca escuridão e pode reforçar essa hipótese. De igual maneira, alguns intérpretes consideram que os nomes são mitológicos, no sentido de descrever entidades temíveis que personificam o mal.

Ao longo do tempo, surgiram muitas versões a respeito de Gogue e Magogue. A popularidade do tema é comprovada por diversas tradições judaicas, cristãs e islâmicas (Gogue e Magogue são conhecidos como Yajuj e Majuj entre os árabes), sem falar de outros grupos.⁸

Assumindo uma perspectiva escatológica, o Targum de Jônatas sobre Números 24:17 diz que o “rei poderoso” messiânico da casa de Jacó, “o cetro poderoso de Israel”, conquistará os “exércitos de Gogue”. O Targum de Pseudo-Jônatas sobre Êxodo 40:11 se refere a um ataque de Gogue contra Israel. De igual maneira, o Targum de Pseudo-Jônatas sobre

Números 11:26 afirma que Eldade e Medade profetizaram juntos, dizendo: “Ao fim, bem no fim dos dias, Gogue, Magogue e seus exércitos irão contra Jerusalém, mas cairão nas mãos do Rei Messias.”

Na literatura judaica antiga, “a era final incluirá um ataque furioso das forças inimigas contra o povo de Deus, Jerusalém e talvez o Messias”.⁹ A batalha será uma hostilidade global contra Deus e Seus eleitos. Embora houvesse variações, esse conceito era bem difundido.

Em meio a uma quantidade desconcertante de interpretações sobre Gogue e Magogue,¹⁰ muitos eruditos tentam descobrir o código por trás desses nomes. Será que a maioria dos intérpretes teria entendido essa profecia de forma completamente equivocada?

Última batalha

A fim de entender melhor a referência a Gogue e Magogue, precisamos analisar Ezequiel 38–39, um oráculo único em forma de dois painéis. A linguagem dessa profecia é escatológica, apocalíptica e universal. Embora a descrição seja extremamente simbólica, ela aponta para um acontecimento literal. Dez características do texto mostram que o cumprimento final dessa profecia tem que ver com a aniquilação de Satanás e de seus aliados. Isso sugere que Gogue simboliza uma figura sobrenatural.

1. *O uso de fórmulas temporais específicas indica uma perspectiva escatológica.* Nesse oráculo, Ezequiel emprega “naquele dia” (Ez 38:10, 14, 18, 19; 39:11) e, em dois casos, “opta por uma expressão rara e cheia de carga semântica”, isto é, “nos últimos dias [*be’aharit hayyamim*]” (38:16), “e por uma variante única dessa fórmula”, “no fim dos anos [*be’aharit hashanim*]” (v. 8).¹¹ A batalha não acontecerá a qualquer momento, mas, sim, em um dia escatológico. Foi profetizada para ocorrer no futuro distante, e o texto possui teor apocalíptico.

2. *O próprio Deus batalhará, e Sua presença cria um cenário apocalíptico.* O profeta deveria profetizar: “Assim diz o Senhor Deus: ‘Eis que estou contra você, Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal’” (Ez 38:3). Yahweh aparece como sujeito (“Eu”) mais de 40 vezes na narrativa. Além disso, o Senhor põe “anzóis” no queixo de Gogue (v. 4). Isso revela a dimensão cósmica da batalha. A Terra será sacudida, todos os animais e pessoas tremarão diante da presença de Deus (v. 19, 20). Tudo isso é resultado de uma teofania impressionante.

3. *O arrogante príncipe Gogue dirige uma confederação mundial.* Ele não é rei ou imperador de nenhuma entidade política, mas ajunta um vasto exército de guerreiros de muitas nações (Ez 38:9). O texto enfatiza, em diversas partes, o grande número de aliados de Gogue (38:4-9, 13, 15; 39:4). As direções desses inimigos (norte, sul, leste) formam um merismo literário, figura de linguagem reforçada por suas sete armas simbólicas (39:9), os sete anos que servem de combustível para o fogo (v. 9) e os sete meses necessários para enterrá-los (v. 12).¹²

Somente no dia escatológico após o milênio haverá essa confluência de pessoas e nações marchando “pela superfície da terra” (Ap 20:9). Em Apocalipse 20:8, a abrangência dessa rebelião final é destacada tanto em termos geográficos (“as nações que estão nos quatro cantos da terra”)

quanto numéricos (“como a areia do mar”). Na Bíblia, a expressão “quatro cantos” simboliza a totalidade da geografia, ao passo que “areia do mar” é uma metáfora para uma multidão incontável.¹³ Com sua linguagem simbólica, o oráculo não retrata um inimigo qualquer, em um ataque isolado, mas o inimigo supremo final, em uma ofensiva global.

No Talmude, a batalha de Gogue e Magogue é “a guerra suprema, o clímax das tribulações da era messiânica,” e se refere a um ajuntamento de nações, uma reunião incontável de inimigos, não de apenas um povo.¹⁴ Às vezes, Gogue e Magogue são retratados na literatura judaica como aqueles que juntam as nações para a batalha.¹⁵

4. *Esse rival virá de uma direção associada a Deus.* “Você virá do seu lugar, dos lados do Norte”, descreve a profecia (Ez 38:15; cf. 38:6; 39:2). O “norte” é a direção do trono ou da morada divina, que a estrela da manhã (Satanás) tentou conquistar (Is 14:13), e se tornou símbolo da origem dos inimigos do povo de Deus. A ambição dele se voltava para o trono do Altíssimo. Paul Fitzpatrick destaca que Gogue, um “representante trans-histórico dos poderes cósmicos do caos reinstaurado”, é associado à parte mais distante do globo em relação ao “meio da terra” (Ez 38:12), onde ele ataca o povo de Deus. “Gogue vem de uma região nas extremidades da criação e sua presença significa o desfazer dessa criação. Essa imagem apresenta Gogue como a antítese da criação. Gogue de Magogue é o maior símbolo da anticriação e de tudo que se opõe ao Soberano divino.”¹⁶

5. *O inimigo tem caráter transcendente e será alvo da ira divina.* A seu respeito, foi profetizado: “Assim diz o Senhor Deus: ‘Por acaso você não é aquele de quem falei nos tempos antigos, por meio dos Meus servos, os profetas de Israel, que naqueles dias profetizaram, durante anos, que Eu faria com que você viesse e atacasse o Meu povo?’” (Ez 38:17). Gogue foi o destruidor histórico de Israel. Agora, planejando uma grande invasão militar, o príncipe Gogue conceberá um “plano perverso” (v. 10) para conquistar a terra e as vilas. “Quando Gogue ataca o povo de Yahweh e invade a terra de Yahweh, está declarando guerra contra Yahweh.”¹⁷ Em outras palavras, os verdadeiros rivais não são Gogue e Israel, mas, sim, Gogue e Yahweh. Contudo, Deus diz: “Eu ficarei furioso” (v. 18). Isso sugere o juízo final.

6. *A destruição de Gogue e seus aliados é descrita em termos apocalípticos.* As imagens são reveladoras: “Eu o castigarei com peste e derramamento de sangue. Farei cair chuva torrencial, grandes pedras de granizo, fogo e enxofre sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele”, declara o Senhor Deus (Ez 38:22). Essa linguagem de destruição por meio do fogo, típica do juízo divino, também sugere um cenário pós-milenar. Note que o fogo consumirá não só Gogue, mas também Magogue e as “terras do mar” (39:6). O “ímpio” ímpio de Gogue chegará ao fim.

7. *As pessoas atacadas estarão vivendo em paz em um lugar especial.* Elas habitam “no meio da terra” (Ez 38:12), uma referência ao monte santo de Deus em Jerusalém, ou, de maneira mais apropriada, à Nova Jerusalém. “O ‘meio’ enfatiza que não se tratará apenas de mais uma

guerra, dessas que enchem as páginas da história, mas, sim, de um confronto que terá relevância decisiva sobre a história mundial e, uma vez que acontece no centro teológico do mundo, envolverá tanto o espaço quanto o tempo.”¹⁸

8. *Haverá uma purificação da Terra.* Os restantes dos mortos na face da Terra serão enterrados, e a Terra será purificada (Ez 39:14-16). Isso aponta para uma purificação cerimonial de grande escopo. O lugar de sepultamento mencionado em Ezequiel 39:11 (o “vale dos Viajantes”, que será chamado de “Hamon-Gogue”) parece simbólico. O nome “vale de Hamon-Gogue” parece um trocadilho com “vale de Hinom”, “onde cadáveres de animais e criminosos costumavam ser queimados”¹⁹. Trata-se de um “tributo” simbólico adequado para o originador da morte.

9. *A carnificina final dos inimigos é um banquete apocalíptico planejado por Deus.* O profeta foi instruído a falar “às aves de toda espécie e a todos os animais selvagens” a fim de reuni-los para um “grande sacrifício nos montes de Israel”, no qual “comerão carne e beberão sangue”. Nesse banquete escatológico sinistro (*zebab*, um sacrifício cerimonial), serão servidos “a carne dos poderosos” e “o sangue dos príncipes da terra”; os comensais se fartarão “de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os homens de guerra” (Ez 39:17-20). Observe a ironia: “Em vez de adoradores humanos sacrificando animais na presença de Yahweh, é Yahweh quem sacrifica humanos para faltar os animais.”²⁰ Esse fenômeno simbólico nessa dimensão e com esse caráter é único.

10. *Por meio desse evento, a glória e a grandeza de Deus serão vistas, e Sua santidade e justiça serão vindicadas.* “Nos últimos dias, trarei você contra a Minha terra, para que as nações Me conheçam, quando Eu tiver revelado a Minha santidade em você, ó Gogue, diante das nações” (Ez 38:16). “Assim, revelarei a Minha grandeza e a Minha santidade e Me darei a conhecer aos olhos de muitas nações. E saberão que Eu sou o SENHOR” (v. 23). Além disso, será “o dia” em que o Senhor Deus

manifestará a Sua glória entre as nações (39:13, 21, 22). O próprio Deus está no controle do ajuntamento, que cumprirá um propósito cósmico mais elevado da teodiceia.

Todos os fatores salientados em Ezequiel 38 e 39, entre outros detalhes não explorados, em comparação com Apocalipse 20:7 a 10, traçam o retrato de uma realidade pós-milenar. Com tantas evidências cumulativas, fica difícil evitar a conclusão de que Gogue representa uma descrição poética de Satanás em sua última tentativa de invadir a cidade santa (a Nova Jerusalém) após o milênio.

Erradicação do mal

Ao analisar o tema, Jiří Moskala propôs cumprimentos múltiplos: (1) um cumprimento parcial em potencial durante a guerra dos macabeus (tipo) com Antíoco Epifânio, (2) pré-cumprimentos cristológicos-eclesiológicos múltiplos em potencial e (3) o cumprimento escatológico/apocalíptico final em duas etapas (antítipo), a saber, na segunda vinda e no fim do milênio.²¹ Ele ressaltou que, segundo Apocalipse 20:8, “Gogue e Magogue são nomes simbólicos das hostes dos ímpios de todas as gerações da humanidade que se opõem ao próprio Deus e a Seu povo.”²² Porém, não há evidências históricas desses cumprimentos múltiplos. Além disso,

o Apocalipse (20:8) faz referência a Gogue e Magogue no contexto do milênio e não os conecta a nenhum outro período anterior.

Ao se levar em conta o tom escatológico/apocalíptico da profecia de Ezequiel, a ausência de qualquer cumprimento claro na história de Israel e o uso dessa profecia por João em Apocalipse 20, parece exegeticamente mais seguro optar por uma interpretação relacionada ao contexto pós-milenar.

É interessante notar que João usou uma abreviação da expressão de Ezequiel na Septuaginta (Ez 38:2): ao passo que o oráculo original é contra “Gogue, da terra de Magogue” (*Gōg kai tēn gēn tou Magōg*), João (Ap 20:8) fala em “Gogue e Magogue” (*Gōg kai Magōg*). Além disso, no grego, ele usou o artigo: *ton Gōg kai Magōg*. Uma vez que, no Apocalipse, o padrão é nunca usar o artigo para nomes próprios em geral, mas, sim, para entidades singulares (Cristo, Satanás, diabo) e entidades bem conhecidas do Antigo Testamento, é provável que João estivesse se referindo à figura familiar mencionada em Ezequiel.²³ Essa profecia provavelmente já tivesse uma interpretação apocalíptica definida nos círculos judaico-cristãos.

Independentemente de ver o oráculo de Ezequiel como uma profecia com múltiplos cumprimentos ou uma profecia apocalíptica cujo foco original e simbólico é o fim de Satanás, a conclusão lógica é que, quando a Nova Jerusalém vier do Céu, sendo posicionada no local da antiga Jerusalém, o arqui-inimigo e seus aliados a atacarão; porém, descerá fogo do céu e consumirá a todos (Ap 20:7-9).

O mal finalmente será erradicado. Seu ciclo, marcado por uma batalha épica no início e outra no fim, se completará. O planeta, agora purificado, estará pronto para começar um novo capítulo glorioso ao longo da eternidade. O crepúsculo da humanidade chegará ao fim, e raiará a aurora de um novo amanhã! ■

Referências

- ¹ Este artigo é adaptado de um trecho do livro *Visões do Futuro*, de minha autoria, que será lançado pela Casa Publicadora Brasileira.
- ² Cf. Steven Thompson, “The End of Satan”, *Andrews University Seminary Studies* 37 (1999), p. 266.
- ³ David L. Petersen, *The Prophetic Literature: An Introduction* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2002), p. 158.
- ⁴ Daniel I. Block, *Beyond the River Chebar: Studies in Kingship and Eschatology in the Book of Ezekiel* (Cambridge: James Clarke & Co, 2014), p. 107.
- ⁵ Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* 1.6.1.
- ⁶ Jan G. Aalders, *Gog en Magog in Ezechiël* (Kampen: J. H. Kok, 1951), p. 166.
- ⁷ Emeri van Donzel e Andrea Schmidt (eds.), *Gog and Magog in Early Syriac and Islamic Sources* (Leiden: Brill, 2009), p. 3.
- ⁸ Cf. A. A. Seyed-Gohrab, F. Doufikar-Aerts e S. McGlinn (eds.), *Embodiments of Evil: Gog and Magog* (Leiden: Leiden University Press, 2011); e Angelo Vivian, “Gog e Magog nella tradizione biblica, ebraica e cristiana”, *Rivista Biblica* 25 (1977), p. 389-421.
- ⁹ Pierre Prigent, *Commentary on the Apocalypse of St. John* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2001), p. 575.
- ¹⁰ Cf. Sverre Bøe, *Gog and Magog: Ezekiel 38–39 as Pre-text for Revelation 19,17-21 and 20,7-10* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2001), p. 5-20, 88-99.
- ¹¹ William A. Tooman, *Gog of Magog: Reuse of Scripture and Compositional Technique in Ezekiel 38–39* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2011), p. 89.
- ¹² Jacob Milgrom e Daniel I. Block, *Ezekiel’s Hope: A Commentary on Ezekiel 38–48* (Eugene, OR: Cascade, 2012), p. 10, 11.
- ¹³ Dennis E. Johnson, *Triumph of the Lamb* (Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2001), p. 295.
- ¹⁴ Talmude *Berakhot* 7b.11.
- ¹⁵ G. K. Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), p. 1025.
- ¹⁶ Paul E. Fitzpatrick, *The Disarmament of God* (Washington, DC: The Catholic Biblical Association of America, 2004), p. 87.
- ¹⁷ Milgrom e Block, *Ezekiel’s Hope*, p. 16.
- ¹⁸ Horace D. Hummel, *Ezekiel 21–48* (St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 2007), p. 1121.
- ¹⁹ Block, *Beyond the River Chebar*, p. 118.
- ²⁰ Milgrom e Block, *Ezekiel’s Hope*, p. 28.
- ²¹ Jiří Moskala, “Toward the Fulfillment of the Gog and Magog Prophecy of Ezekiel 38–39”, *Journal of the Adventist Theological Society* 18 (2007), p. 243-273.
- ²² Moskala, “Toward the Fulfillment of the Gog and Magog Prophecy of Ezekiel 38–39”, p. 268.
- ²³ Gary Manning, “Gog and Magog: A New Look at John’s Appropriation of Ezekiel”, disponível em <biola.academia.edu/GaryManning>, acesso em 9 de agosto de 2024.



INFLUÊNCIA ESTRATÉGICA

Como conduzir sua equipe
de maneira eficaz

Liderar vai além de simplesmente mostrar a alguém o que fazer. Trata-se de ser um canal de orientações, conhecimento técnico e testemunho. Esse papel complexo e multifacetado levanta uma questão intrigante: Como novos e antigos líderes podem alcançar esse nível de influência de forma eficaz? Quais valores essenciais os líderes devem incorporar?

Este artigo explora como a liderança eficaz vai além das tarefas e responsabilidades do cargo, enfatizando a importância da autenticidade, sabedoria e fé na condução de uma equipe.

Seja você mesmo

Alguns líderes tentam criar uma imagem que agrade a todos, assumindo posturas fictícias e fingindo ser o que não são. Mudam a entonação da voz, gesticulam de forma não habitual ou imitam alguém que admiram. Esses líderes inseguros buscam

subterfúgios para se aproximar do ideal que acreditam ser esperado. No entanto, não é possível fingir para sempre. Com o tempo, o personagem criado acaba se dissolvendo. Portanto, o caminho mais seguro é a autenticidade.

Na busca pela autenticidade, o primeiro passo é o autoconhecimento. É fundamental entender que você é único em sua forma de ver e interpretar o mundo, assim como são únicas suas forças, suas fraquezas e seus conhecimentos. O segundo passo é criar o hábito de observar tudo cuidadosamente, ouvir atentamente, ser honesto sobre o que não sabe, sair da zona de conforto, aprofundar-se no conhecimento técnico e interpessoal da sua área de atuação e estabelecer metas de crescimento pessoal.

Dessa forma, você encontrará um estilo de liderança fiel a si mesmo. É importante destacar ainda que um líder também se desenvolve em etapas. E, nesse processo, não é possível agradecer a todos.

Mantenha a atitude mental correta

Desafios podem gerar frustrações. Por isso, é importante que o líder mantenha uma atitude mental correta. Mas o que isso significa? Trata-se de uma tendência ou forma de ver as coisas. As atitudes mentais podem ser boas ou ruins, amplas ou limitadas. David Novak conta a seguinte história: “Dois fabricantes de sapatos chegaram a um novo país na tentativa de expandir seus negócios. Ao perceber que os moradores locais não usavam sapatos, um deles exclamou: ‘Não há mercado aqui. Essas pessoas não usam sapatos.’ O outro disse: ‘Há um mercado imenso aqui. Ninguém tem sapatos.’”¹ Isso ilustra como a mesma situação pode gerar atitudes diferentes, dependendo da atitude mental.

É preciso esforço para ter atitudes mentais boas e amplas, principalmente em meio às adversidades. Podemos dizer que uma atitude mental correta está intimamente ligada à devoção e à confiança em Deus. Na Bíblia, encontramos vários exemplos de líderes com atitudes mentais distintas. Em Números 13 e 14, doze homens foram enviados para espiar a terra de Canaã. Dez deles relataram com medo: “De fato, é uma terra onde mana leite e mel; estes são os frutos dela. Mas o povo que habita nessa terra é poderoso, e as cidades são muito grandes e fortificadas. [...] Não podemos atacar aquele povo, porque é mais forte do que nós” (Js 13:27, 28, 31). Por outro lado, Josué e Calebe disseram: “A terra pela qual passamos para espiar é terra muitíssimo boa. Se o Senhor Se agradar de nós, então nos fará entrar e nos dará essa terra, que é uma terra que mana leite e mel” (Js 14:7, 8).

Os doze homens espriaram a mesma terra, as mesmas cidades, o mesmo povo. O que fez com que seus relatórios fossem tão diferentes? A atitude mental. Pergunte a si mesmo: Sou capaz de ver além dos obstáculos? Minha atitude mental está me ajudando a ser um líder melhor, motivando ou impedindo as realizações?

Crie a cultura do “vencer juntos”

A cultura do “vencer juntos” é um mecanismo fundamental para o engajamento de uma equipe, na qual todos são interdependentes. Para que essa cultura se estabeleça, é necessária uma visão de liderança relacional.

Escrevendo a um líder, Ellen White chamou atenção para o fato de ele ter suas aptidões obstruídas pela tendência de se julgar autossuficiente: “O Senhor deseja que você [...] se alie aos seus companheiros de trabalho. [...] Você não deve se fechar em si mesmo. [...] Você não deve se fechar em um quarto secreto, escondido daqueles que têm um interesse tão intenso na obra quanto você.”²

Embora o líder detenha a responsabilidade de indicar rumos, ele também deve envolver seus liderados na definição de objetivos, estratégias e na tomada de decisões. “Em nossos planos para levar avante a obra, nossa mente deve unir-se a outras mentes.”³

Quando essa visão é assimilada pelo líder, ela se reflete diretamente na capacidade de ver, compreender e aceitar as opiniões dos outros, a tal ponto que, em alguns casos, ele permitirá que opiniões melhores prevaleçam sobre as suas. Assim, estabelece-se na equipe um senso de confiança mútua, permitindo a franqueza construtiva, objetivos compartilhados, reflexão, resiliência e clareza de papel e propósito. Não se trata de uniformidade de opinião, mas de um espírito de unidade e harmonia, apesar das diferenças (cf. 1Co 12:12, 13; At 2:44).

“
Líderes que combinam autenticidade, sabedoria e fé estão melhor preparados para guiar suas equipes rumo à realização mútua.
”



Dê o devido reconhecimento

O líder que deseja motivar, envolver e alcançar objetivos também deve priorizar o “reconhecimento”. Isso contribui para gerar envolvimento, produtividade e inspiração, além de promover um senso de propósito. “Permita que seus companheiros de obra vejam que você reconhece o valor que eles têm.”⁴

Alguns podem imaginar que reconhecer o trabalho de alguém requer uma gratificação elaborada ou cara. No entanto, isso pode envolver desde premiações formais até gestos simples, como comemorar um marco ou enviar uma nota de agradecimento, pública ou privada. O essencial é que seja autêntico, significativo e merecido.

Na parábola dos talentos, vemos que os servos fiéis recebem reconhecimento pela sua fidelidade. “Servo bom e fiel” (Mt 25:21). A aprovação não foi proporcional à quantidade de lucro, mas sim à fidelidade demonstrada. A expressão “sobre o muito o

colocarei” (Mt 25:21) evidencia que a recompensa pelo serviço fiel é a ampliação da oportunidade de servir. Portanto, “que sejam homenageados aqueles que merecem homenagem – pessoas que trabalharam diante de circunstâncias difíceis [...], que foram usadas por Deus como soldados para fazer avançar Sua obra”⁵

Cultive uma boa comunicação e interação

Boeker era o gerente da fábrica de alimentos do Sanatório Santa Helena, nos Estados Unidos, no início dos anos 1900. Em 1901, Ellen White enviou-lhe uma carta que dizia: “Você está em perigo! É necessário dizer que as palavras rudes que você profere desonram a Cristo. [...] Mas ninguém deve ser tratado com ar severo e dominador. Você pode até achar que esse jeito de agir e falar reformará os males existentes, mas descobrirá, que, na verdade, ele os aumenta.”⁶

A consequência mais catastrófica da falta de comunicação e interação corretas é a desumanização das relações. Quando o líder age com truculência, rudeza e atos ditatoriais, seus liderados se sentem desumanizados, como meras “unidades de produtividade” para atingir metas. Sentem que não podem falar nem ser ouvidos.

Como sugere Maria Rita Gramigna, para cultivar uma boa comunicação e interação, o líder deve: (1) adotar uma postura de escuta e interesse no que os outros falam; (2) buscar informações e perguntar quando tiver dúvidas; (3) reagir de maneira natural a *feedbacks* que incluam críticas; (4) dar retornos com propriedade, cortesia e respeito; e (5) buscar aproximação com as pessoas de maneira receptiva e flexível.⁷

A comunicação e a interação vão além do simples ato de falar; incluem gestos, atitudes, expressões faciais e comportamentos, que podem influenciar positiva ou negativamente a vida dos liderados.

Conclusão

A qualidade da liderança é fundamental para o sucesso de qualquer equipe, seja em tempos de calma ou de tempestade. Ao incorporar valores como flexibilidade, escuta ativa e busca contínua por sabedoria, os líderes podem criar ambientes envolventes e produtivos. Reconhecer o valor dos membros da equipe e promover uma comunicação clara e respeitosa são essenciais para fortalecer as relações e alcançar os objetivos comuns.

Por fim, a dependência de Deus e a busca por Sua orientação são cruciais para enfrentar os desafios da liderança. Como nos ensina Tiago 1:5, a verdadeira sabedoria vem de Deus, e é Ele quem nos capacita a liderar com integridade e eficácia. Portanto, líderes que combinam autenticidade, sabedoria e fé estão melhor preparados para guiar suas equipes rumo à realização mútua. ■

Referências

- 1 David Novak, *Levando as Pessoas Com Você* (Rio de Janeiro: Alta Books, 2020), p. 27.
- 2 Ellen G. White, *Princípios Para Líderes Cristãos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 266.
- 3 White, *Princípios Para Líderes Cristãos*, p. 54.
- 4 White, *Princípios Para Líderes Cristãos*, p. 266.
- 5 White, *Princípios Para Líderes Cristãos*, p. 205.
- 6 White, *Princípios Para Líderes Cristãos*, p. 176.
- 7 Maria Rita Gramigna, *Gestão Por Competência* (Rio de Janeiro: Alta Books, 2017).



f @ x /cpbeditora
CPB.COM.BR



Acesse e confira a
livraria mais próxima



MKT CPB - Adobe Stock

Os melhores livros para toda a família

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular

PEÇA PELO
WHATSAPP
15 98100-5073

VISITE UMA DE NOSSAS
20 LIVRARIAS
espalhadas pelo Brasil



ELEIÇÕES NA IGREJA

O que precisamos lembrar ao organizar
uma Comissão de Nomeações

O

último trimestre é um período marcado pela escolha de líderes para o novo ano. Essa não é uma preocupação apenas do pastor, mas da igreja em geral. Alguns membros estão em dúvida se continuarão liderando ou estão esperando o ano terminar para entregar o cargo, enquanto outros aguardam uma oportunidade para assumir funções na igreja local. O processo de escolha de oficiais é organizado e pautado por princípios bíblicos e pelo *Manual da Igreja*, visando garantir que as lideranças locais sejam espiritualmente qualificadas para suas funções. Neste infográfico, apresentamos dez dicas importantes para você compartilhar com os membros de sua igreja:



PERFIL

Relembre à Comissão de Nomeações as características essenciais daqueles que exercem liderança na igreja:

- ▶ Caráter irrepreensível (1Tm 3:1-7)
- ▶ Espiritualidade e sabedoria (At 6:3)
- ▶ Disposição para servir (Mc 10:42-45)
- ▶ Amor pelo rebanho (1Pe 5:2, 3)
- ▶ Cuidado da própria família (1Tm 3:5)
- ▶ Fidelidade nos dízimos e nas ofertas (Mt 23:23-24)

ORAÇÃO

Deve marcar não apenas o início, mas todas as etapas da eleição anual.

MEDITAÇÃO

O estudo da Bíblia é fundamental para manter o foco espiritual da reunião, e a direção do Espírito Santo precisa ser percebida ao longo do processo.

FOCO

Na Comissão de Nomeações não é o momento para resolver problemas da igreja, pois não se trata de uma Comissão Diretiva regular. Deve-se manter o foco no tema e evitar polêmicas.

REPRESENTATIVIDADE

Ao escolher os membros da Comissão Organizadora, da Comissão de Nomeações e, por fim, o quadro de líderes, é importante incluir pessoas de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias.

CONSULTA PRÉVIA

Cabe à própria Comissão de Nomeações se organizar internamente para informar às pessoas indicadas e obter seu consentimento antes de apresentar a lista de oficiais para aprovação da igreja.

ÉTICA

A igreja busca ser transparente em todas as suas ações. Isso não significa, no entanto, que todas as informações precisam ser divulgadas imediatamente. É importante manter o sigilo das indicações até que a ata da Comissão seja lida.

DURAÇÃO

O ideal é que o processo de escolha de líderes não seja muito curto nem muito longo.

ANTECEDÊNCIA

Não deixe para definir o quadro de líderes quando o ano já estiver terminando. O *Manual da Igreja* recomenda que a Comissão de Nomeações seja escolhida no início do último trimestre e que apresente seu relatório com, no mínimo, três semanas de antecedência em relação ao último sábado do mandato (exceto no caso da Comissão Permanente).

TRANSIÇÃO

É importante que, com o apoio do pastor local e do ancionato, os antigos líderes passem o bastão para seus sucessores, auxiliando-os no processo de transição para que a engrenagem continue funcionando. ■

MISSÃO



Karl Boskamp
professor de Teologia na
Universidade Adventista del Plata



O MODELO DE **SAMUEL**

Missão em
tempos de crise

Em bora os tempos de crise sejam frequentemente associados a incertezas, ameaças e perigos, também podem ser vistos como tempos de oportunidades. Um exemplo claro disso é a vida e o ministério do profeta Samuel, que, depois de Moisés, pode ser considerado um dos profetas mais influentes na história do antigo Israel (cf. Jr 15:1). Segundo a narrativa bíblica, sob sua liderança espiritual, Israel conseguiu superar um dos períodos mais instáveis e decadentes de sua história.

A cronologia bíblica situa a vida de Samuel no fim do período dos juízes, aproximadamente entre os séculos 12 e 11 a.C.¹ Esse período, que seguiu a conquista de Canaã, foi marcado por uma persistente instabilidade política e social, além de uma contínua decadência espiritual. O livro de Juízes, principal relato bíblico dessa época, descreve uma alternância cíclica entre períodos de extrema decadência e idolatria, que resultavam em subjugação por nações estrangeiras, e momentos de libertação e reforma, conduzidos por juízes designados por Deus (cf. Jz 2:11-23).

Segundo Juízes 2:10, após a morte de Josué e de sua geração, surgiu uma nova geração que não conhecia o Senhor. Por que isso aconteceu? Onde estava o problema? Talvez o Salmo 78:5 a 7 nos ajude a entender: “Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou aos nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, e os filhos que ainda não haviam nascido se levantassem e, por sua vez, os contassem aos seus descendentes; para que pusessem a sua confiança em Deus e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos.”

Ao que parece, a principal falha estava enraizada dentro das próprias famílias. A responsabilidade primordial dos pais era assegurar que a nova geração conhecesse o Senhor, como Moisés instruiu claramente em

Deuteronômio 6:5 a 7. Como Oseias 4:6 pontua, a falta de conhecimento pode levar a experiências trágicas para o povo.

Nos dias de Samuel, Israel enfrentava opressão pelos filisteus, o tabernáculo havia perdido sua influência como lugar de culto e adoração, e os israelitas praticavam uma religião sincrética que incorporava diversos elementos da religião cananeia (cf. 1Sm 7:4). A liderança espiritual da nação também estava corrompida. A Bíblia afirma que os filhos de Eli, sumo sacerdote na época, “não se importavam com o SENHOR” (1Sm 2:12), o que está diretamente relacionado na perícopes com as negligências de Eli como pai (2:29). O triste modelo do principal líder espiritual da nação, sem dúvida, exerceu uma influência negativa sobre a sociedade, agravando ainda mais a situação. Em 1 Samuel 3:1, lemos: “Naqueles dias, a palavra do SENHOR era muito rara; as visões não eram frequentes”, indicando que o povo carecia da orientação divina que costumava se manifestar por meio do dom profético. Apesar de Eli ter sido designado como sumo sacerdote e juiz, sua atitude negligente em relação à conduta de seus filhos o impediu de ser um receptáculo eficaz da palavra divina.

No entanto, em meio a esse cenário de crise, o leitor pode se surpreender ao encontrar a seguinte declaração: “Desde aquele dia, a arca ficou em Quiriate-Jearim, e tantos dias se passaram, que chegaram a vinte anos. E toda a casa de Israel dirigia lamentações ao SENHOR” (1Sm 7:2). A pergunta natural que podemos fazer é: Como se chegou a esse reavivamento generalizado? A seguir, apresentaremos três possíveis elementos que estiveram por trás desse reavivamento e que podem nos inspirar a um maior compromisso em meio à crise.

A oração sincera e o compromisso de uma mãe

O ponto de partida provavelmente foi uma oração de fé feita por uma mulher em profunda agonia. Ana era uma das duas esposas de Elcana, um homem levita. Embora Elcana amasse profundamente Ana, ela sofria por não conseguir lhe dar um filho, o que a tornava objeto das zombarias de Penina, a outra esposa, que tinha vários filhos. Desesperada, Ana orou a Deus no templo, prometendo que, se Ele lhe concedesse um filho, ela o dedicaria ao serviço divino. Essa oração não foi apenas um pedido, mas expressou um profundo e genuíno compromisso. Deus ouviu sua súplica, e Ana deu à luz Samuel. Cumprindo sua promessa, ela o levou ao templo para que servisse a Deus sob os cuidados do sacerdote Eli.

Antes disso, Ana manteve o menino ao seu lado até que fosse desmamado, o que, segundo alguns comentaristas, pode ter ocorrido entre os 3 e 5 anos de idade, ou até um pouco mais.² Fiel ao compromisso assumido diante de Deus, Ana cuidou da educação do menino durante esses anos vitais para a formação de seu caráter. Pelo que o relato sugere, parece que o pequeno Samuel já sabia desde sua mais tenra idade que estava destinado ao serviço de Deus.

Uma vez desmamado, Ana cumpriu seu voto levando o menino a Siló e realizando, com seu esposo, uma cerimônia especial de dedicação,

que incluiu a oferta de um bezerro acompanhado de uma oferta de cereal e libação (cf. Nm 15:9,10). O fato de os pais terem deixado o filho sob os cuidados de outros não implica que o abandonaram ou deixaram de velar por ele. A família de Elcana tinha o hábito de ir todos os anos a Siló para adorar (1Sm 1:3), e essa prática continuou mesmo depois que deixaram o menino, proporcionando à mãe a oportunidade de prestar cuidados especiais a ele (2:19). Além disso, Ana posteriormente escolheu Ramá como seu lugar de residência, o que a ligava ao seu lar de origem (2:11) e sugere que manteve um forte vínculo com sua família.

À luz da história que se seguiu, podemos perceber o profundo impacto que uma simples, mas poderosa, oração de fé e entrega a Deus pode ter. Ellen White observou: “É agora que devemos aprender essa lição de oração que prevalece, de uma fé que não desiste. As maiores vitórias da igreja de Cristo, ou do cristão em particular, não são as que são ganhas pelo talento ou educação, pela riqueza ou favor dos homens. São as vitórias obtidas na sala de audiência de Deus, quando uma fé cheia de ardor e agonia se apega ao forte braço do Onipotente.”³

Uma obra pessoal

A Bíblia diz que, “todo o Israel, desde Dã até Berseba, reconheceu que Samuel estava confirmado profeta do SENHOR. A palavra de Samuel veio a todo o Israel” (1Sm 3:20–4:1). Essa declaração sugere que não apenas a “fama” de Samuel se espalhou por todo Israel, mas que ele também trabalhou ativamente, levando a Palavra de Deus por todo o país. De fato, o livro de Samuel o retrata como um viajante que visitava cidades, instruíu o povo, atendia às suas preocupações e oferecia sacrifícios. Isso é evidente em passagens como 1Sm 9; 13:8-10; 16:1-13; 19:18-24, sendo mais claro em 7:16 e 17: “De ano em ano, fazia uma volta,⁴ passando por Betel, Gilgal e Mispa; e julgava Israel em todos esses lugares. Porém voltava a Ramá, porque a sua casa estava ali, onde julgava Israel e onde edificou um altar ao SENHOR.”

O fato de mencionar Betel, Gilgal e Mispa, cidades muito próximas umas das outras, não significa que seu raio de influência fosse restrito, pois também é mencionado em ligação com Ramá, Siló, Quiriate-Jearim e até mesmo com Belém (16:4), lugares mais distantes. Ellen White escreveu: “Samuel visitou as cidades e aldeias por todo o país, procurando fazer com que o coração do povo voltasse para o Deus de seus pais; e seus esforços não ficaram sem bons resultados. Depois de sofrerem a opressão de seus inimigos durante 20 anos, os israelitas dirigiam lamentações ao SENHOR (1Sm 7:2).”⁵

Ou seja, Samuel não ficou deprimido por 20 anos esperando que as circunstâncias melhorassem milagrosamente para então ressurgir como líder espiritual da nação. Pelo contrário, foi graças ao seu trabalho perseverante ao

longo de 20 anos que as circunstâncias do povo melhoraram. Mais claramente, o fato de o povo suspirar pelo Senhor era fruto da visão e do trabalho persistente de Samuel.

A vida de Samuel nos ensina que o chamado de Deus para Seus seguidores inclui um compromisso ativo e constante em favor dos outros. Assim como Samuel percorreu Israel proclamando a Palavra de Deus e transformando vidas, os cristãos de hoje são chamados a trabalhar diligentemente para impactar positivamente sua comunidade, servindo e compartilhando a mensagem de esperança. O exemplo de Samuel nos desafia a não esperar passivamente por mudanças, mas a sermos agentes ativos de transformação, com dedicação e perseverança.

Foco nas novas gerações

Como parte da obra pessoal de Samuel, deve-se destacar também seu papel como líder e mentor dos profetas. A Bíblia diz: “Então Saul enviou mensageiros para trazerem Davi. Quando viram um grupo de profetas profetizando, liderados por Samuel, o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram” (1Sm 19:20).

Ellen White comentou: “Para defrontar esse mal crescente, Deus providenciou outros meios como auxílio aos pais na obra da educação. Desde os primeiros tempos, os profetas eram reconhecidos como educadores divinamente designados. Na mais alta acepção da palavra, o profeta era alguém que falava por direta inspiração, comunicando ao povo as mensagens que recebera de Deus. Mas esse nome era dado também àqueles que, embora não fossem diretamente inspirados, eram divinamente chamados para instruir o povo nas palavras e caminhos de Deus. A fim de preparar essa classe de

“
**O exemplo
de Samuel
nos desafia a
não esperar
passivamente
por mudanças,
mas a sermos
agentes
ativos de
transformação.**”

ensinadores, o profeta Samuel, pela direção do Senhor, estabeleceu as escolas dos profetas.”⁶

“Essas escolas se demonstraram um dos meios mais eficazes para promover aquela justiça que ‘engrandece a nação’ (Pv 14:34). Ajudaram muito a lançar os fundamentos da maravilhosa prosperidade que distinguiu os reinos de Davi e Salomão.”⁷

Por meio de seu fervoroso trabalho e ensino, Samuel ajudou a restaurar a identidade e a unidade nacional, além de estabelecer as bases espirituais que sustentaram a prosperidade dos reinados de Davi e Salomão.

O exemplo de Samuel como líder e mentor nos desafia a refletir sobre a importância de investir nas novas gerações. Assim como ele preparou futuros líderes, os cristãos e líderes de hoje são chamados a transmitir valores sólidos e a guiar os jovens no caminho da justiça. Esse esforço é essencial para que eles possam cumprir uma missão duradoura e contribuir para o bem-estar e a prosperidade de suas comunidades, assim como os profetas fizeram no tempo de Samuel.

Conclusão

Em tempos de crise, os líderes cristãos devem seguir o exemplo de Samuel, que nos ensina três lições essenciais. Primeira, a importância da oração sincera e comprometida, buscando a orientação de Deus em cada decisão. Segunda, a dedicação ao trabalho em favor dos outros, atuando ativamente para levar esperança e restauração às nossas comunidades. Por fim, o foco nas novas gerações, transmitindo valores sólidos e formando líderes que continuarão a missão divina. Hoje, mais do que nunca, somos chamados a fortalecer esses pilares em nossa vida e ministério, assegurando que, como Samuel, deixemos um legado de fé e serviço que impacte profundamente as pessoas ao nosso redor. ■

Referências

- 1 Eugene H. Merrill, *Kingdom of Priests. A History of Old Testament Israel* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008), p. 169.
- 2 Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 2, p. 484. O texto bíblico menciona que “o menino era muito pequeno” (1Sm 1:24).
- 3 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 164.
- 4 Em hebraico, são usadas as formas verbais וְיָקַל וְיִקְוֶה. O Weqatal, assim como o Yiqtol, também é usado em hebraico para indicar ações repetidas ou habituais. Ver Jan Joosten, *The Verbal System of Biblical Hebrew* (Jerusalem: Simor, 2012), p. 261-311.
- 5 White, *Patriarcas e Profetas*, p. 40.
- 6 Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 31.
- 7 White, *Educação*, p. 33.



Jorge Rampogna
líder de comunicação
da Igreja Adventista
para a América do Sul

IA: FERRAMENTA OU OBSTÁCULO?

Quando eu tinha cerca de dez anos, um vendedor apareceu na casa dos meus pais com uma enciclopédia de oito volumes. Ao ver aqueles livros ilustrados com fotos coloridas sobre geografia, biologia e história, pensei: “Preciso deles!” Morando em uma pequena cidade, eu costumava ir à Biblioteca Municipal para estudar, o que adorava. Mas, com essa enciclopédia em casa, não precisaria mais caminhar até lá em dias quentes ou frios. Pedi à minha mãe que comprasse, e, apesar do esforço financeiro, foi uma aquisição que valeu muito a pena.

Por que estou mencionando isso? Vou explicar. Após uma palestra sobre o uso de Inteligência Artificial (IA) na produção de conteúdo religioso, um pastor me abordou dizendo que eu estava incentivando os pastores a estudarem menos e a usar menos o cérebro. Esse comentário não foi novidade para mim. A IA é amplamente discutida hoje, com opiniões divididas entre tecno-pessimistas, que veem a IA como um perigo, e tecno-otimistas, que a consideram revolucionária. Eu me coloco em uma posição equilibrada: reconheço os riscos, mas também vejo as oportunidades que a IA oferece, assim como aconteceu com a enciclopédia que meus pais compraram.

A IA pode impactar o trabalho pastoral de duas maneiras:

Positiva:

- 1** Acesso a uma vasta base de dados;
- 2** Busca de histórias e ilustrações para enriquecer sermões;
- 3** Ajuda na redação de textos e criação de apresentações. Contudo, deve ser usada com cautela e sempre avaliada.

Negativa:

- 1** Perda de profundidade espiritual com o uso excessivo e menos estudo da Bíblia;
- 2** Falta de desenvolvimento do pensamento crítico ao receber tudo pronto;
- 3** Perda de habilidades de oratória.

Esses desafios, porém, não são novos. Usar sermões prontos ou apresentações de PowerPoint feitas por outros, sem estudo, oração e reflexão, traz os mesmos riscos.

A Bíblia nos ensina: “O princípio da sabedoria é: adquira a sabedoria; sim, com tudo o que você possui, adquira o entendimento” (Pv 4:7). Temos a responsabilidade de aprimorar nossas capacidades intelectuais e buscar sabedoria continuamente.

Como pastores, somos chamados a ensinar com sabedoria nossas igrejas, e essa sabedoria vem da busca constante por Deus, a fonte de todo conhecimento. Nenhuma tecnologia ou recurso pode substituir nosso compromisso com o desenvolvimento intelectual e espiritual.

Ellen White escreveu: “Cada ser humano criado à imagem de Deus é dotado de uma característica própria do Criador: a individualidade, capacidade de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve essa qualidade são os que encaram responsabilidades, lideram empreendimentos e influenciam pessoas” (*Educação* [CPB, 2021], p. 10).

Todo líder deve buscar crescimento espiritual e intelectual para influenciar pessoas, por meio de esforço, foco e consagração. Nada substitui o estudo pessoal da Bíblia e a oração. Assim como a enciclopédia que meus pais compraram aumentou minha produtividade sem substituir o estudo, a IA, usada corretamente, pode ser muito útil, mas não nos torna mais ou menos inteligentes. Como pastores adventistas, podemos usar essas tecnologias para crescer e compartilhar o evangelho, lembrando que a IA nunca substituirá o ser humano. Reflita e peça sabedoria a Deus para ser guiado nesse processo. ■

* CHEGARAM OS *

BRINQUEDOS BÍBLICOS

COM OS NOVOS LIVROS PARA COLORIR



MKT CPB | Adobe Stock | Foto: William de Moraes

*** PARA APRENDER AS HISTÓRIAS DA BÍBLIA BRINCANDO! ***



DISPONÍVEIS
EM NOSSOS
CANAIS DE
VENDAS >



E-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-9190606
☎ 15 98100.5013

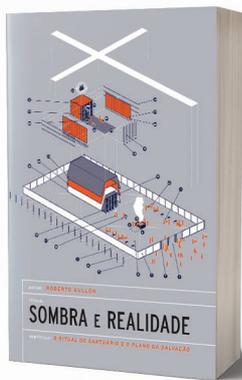


CPB Livraria
acesse e confira
a livraria mais próxima



Baixe o
aplicativo





**Sombra e Realidade:
O Ritual do Santuário
e o Plano da Salvação**

Roberto Gullón
CPB, 2024, 264 p.

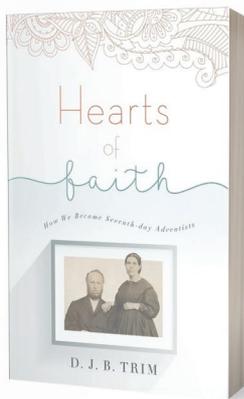
O que os sacrifícios do antigo santuário têm a ensinar sobre salvação? Qual é a relação entre o santuário terrestre e o celestial? Como a purificação do santuário do Céu se relaciona com o surgimento de um poderoso movimento religioso na Terra? Qual é o ministério de Cristo no santuário celestial e por que nosso futuro depende disso? Neste livro, essas e muitas outras perguntas instigantes são respondidas de modo claro, didático e fácil de se entender. Trata-se de uma obra escrita com o coração de um pastor. Não visa demonstrar ou provar ideias, mas ensinar a Palavra.



**Guía Actual Para
Entender el Santuario**

Mark Finley
Aces, 2023, 128 p.

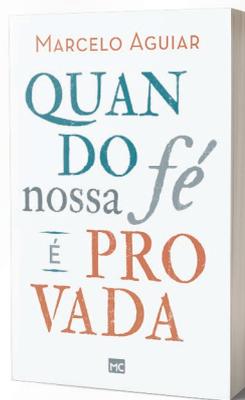
A doutrina do santuário pode parecer complexa, entre símbolos, tipos e sombras. Além disso, ela é relevante hoje? O autor deste livro nos guia em uma viagem inspiradora pelo santuário para descobrir as mensagens que Deus revela ali. Deus nos convida à Sua própria presença, ao Lugar Santíssimo, onde o sangue de Jesus lava nossos pecados, muda nosso coração e transforma nossa vida. Saiba mais sobre o significado dessa crença fundamental e sua importância para o povo de Deus hoje.



**Hearts of Faith: How
We Became Seventh-
day Adventists**

David J. B. Trim
Pacific Press, 2023, 128 p.

O livro explora um período pouco conhecido da história adventista: do Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844 ao surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esse intervalo de 19 anos foi crucial e não teve um desfecho predeterminado. As escolhas feitas pelos pioneiros moldaram a denominação que eles iriam estabelecer e seu impacto no mundo por gerações. Conheça, portanto, as raízes desse movimento profético e surpreenda-se com a forma pela qual Deus tem conduzido Seu povo ao longo do tempo.



**Quando Nossa Fé é
Provada**

Marcelo Aguiar
Mundo Cristão, 2023, 192 p.

A história de Abraão é uma saga épica das mais comoventes e inspiradoras da Bíblia. Considerado o "pai da fé", o patriarca creu de maneira inequívoca nas promessas do Senhor. Contudo, ainda hoje causa espanto o episódio em que Deus ordena a Abraão que sacrifique seu filho Isaac. Que lições podemos extrair de um acontecimento tão dramático? Com uma abordagem pastoral, o autor oferece palavras de conforto e esperança para quem precisa lidar com as inevitáveis adversidades da vida.

**Eric Richter**

editor da revista
Ministério, edição em
espanhol

SEGUINDO O MESSIAS SERVO

O comportamento de Jesus nem sempre parecia lógico do ponto de vista humano. Há muitos relatos bíblicos, especialmente no livro de Marcos, em que as ações de Jesus são surpreendentes e fora do comum. Nesse evangelho, encontramos o que alguns teólogos chamam de “o segredo messiânico”: após realizar milagres, Jesus frequentemente pede aos beneficiados ou às testemunhas que não revelem o ocorrido.

Podemos citar vários exemplos. Em Cafarnaum, um homem possesso afirmou que Jesus era o Filho de Deus, e Cristo lhe ordenou: “Cala-te” (Mc 1:25). De fato, como regra geral, Jesus não permitia que os demônios “falassem, porque sabiam quem Ele era” (1:34; cf. 3:12). Ao curar um leproso, Ele disse: “Não conte nada a ninguém” (1:44). Quando ressuscitou a filha de Jairo, Cristo determinou “expressamente que ninguém o soubesse” (5:43). Da mesma forma, após curar o surdo e mudo, “ordenou que não contassem isso a ninguém” (7:36).

É interessante notar que a última declaração de Jesus pedindo segredo ocorre justamente quando, pela primeira vez, os discípulos O

reconhecem como Messias. Em Marcos 8, Jesus pergunta aos Doze: “Quem os outros dizem que Eu sou?” (8:27). Pedro, expressando claramente o sentimento geral, responde: “Tu és o Cristo” (8:29, ARA). Ao ouvir essa resposta, Jesus “advertiu de que a ninguém dissessem tal coisa a Seu respeito” (8:30).

Por que Jesus pedia segredo às pessoas beneficiadas por Seus milagres? Isso parece ilógico! No entanto, os milagres de Jesus demonstravam, sem sombra de dúvida, que Ele era o Messias prometido, o que podia ser um problema para os judeus, pois eles esperavam um Messias muito diferente. Eles queriam um conquistador que derrotasse os romanos e restabelecesse Israel como um poderoso reino político. Esperavam um rei vitorioso, enquanto o verdadeiro Messias deveria ser um Servo sofredor (Is 53). Jesus precisava explicar essa realidade antes de Se revelar como tal. Por isso, pediu segredo até que pudesse esclarecer que “era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, [...] fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse” (Mc 8:31). Depois de dizer como seria o Messias, Jesus não mais pediu sigilo sobre Seus milagres.

Por que entender isso é importante? Porque Jesus não apenas explicou aos Seus discípulos como o Messias deveria ser, mas também como Seus seguidores devem agir. Ele afirmou: “Se alguém quer vir após Mim, negue

a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me” (Mc 8:34). Em outras palavras, seguir o Messias Servo significa também tornar-se um servo.

Essa ideia se repete nos evangelhos, em que Jesus deixa claro que, “se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos” (Mc 9:35). Isso é especialmente relevante para os líderes cristãos, que devem imitar o comportamento de Cristo e servir à igreja, não esperar ser servidos. Jesus disse: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (10:45), e “basta ao discípulo ser como o seu mestre” (Mt 10:25).

Manter viva essa lição de Cristo é um remédio preventivo para o problema abordado nesta edição da revista *Ministério*. Seguir a Cristo, especialmente em funções de liderança, implica não buscar autopromoção ou o próprio bem-estar. Ao servir à igreja e ao próximo, não damos espaço ao egocentrismo. Ao seguir Jesus, abandonamos o eu.

Sigamos o Messias Servo. Imitemos o Mestre. ■

“

**Ao servir à
igreja e ao
próximo,
não damos
espaço ao
egocentrismo.**

”

ENTREGUE O MELHOR E
MAIS **SIGNIFICATIVO**

presente

NESTE

Natal!

LUVA



LIVRO



LIVRO LUXO
POR APENAS
R\$ 65,90

Acompanha
luva especial

Capa soft touch de
toque aveludado

Hot stamping
reluzente como ouro

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • 📞 (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 📧 (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br

**CPB**
pra toda a vida

Baixe o
Aplicativo CPB  



    /cpbeditora